Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR NÚMERO 422 ► DE 22 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 2011 ► ANO 15 R$ 2

100 dias de governo Dilma... e as greves operárias

[págs 3, 9, 10, 11 e 12]

Tragédia em realengo e a cultura de violência no capitalismo

Leia a declaração do PSTU [pág 7]

LÍBIA E SÍRIA: um duro debate divide a esquerda

[págs 18 e 19]

■ ANOS DE CHUMBO 1 – A novela "Amor e Revolução", exibida pelo SBT, vem provocando a revolta de muitos saudosos da ditadura. Alguns militares resolveram fazer um abaixo-assinado contra o folhetim.

■ ANOS DE CHUMBO 2 – A trama escrita por Tiago Santiago aborda o período do regime militar e mostra os torturadores e os perseguidos pelo regime, além da luta no movimento estudantil contra os militares.

RACISMO NA TV

Mais de 17 mil pessoas realizaram um protesto exigindo o fechamento da usina nuclear de Fukushima, afetada pelo terremoto seguido de tsunami. Na última semana, o governo do Japão elevou a classificação do desastre para o nível 7, o mais elevado da escala de acidentes nucleares. Esse nível só tinha sido atingido anteriormente por Chernobyl. O protesto foi convocado por oito organizações antinucleares. Os protestantes censuraram a atuação da companhia Tokyo Electric Power (Tepco) e defenderam o uso de energias alternativas.

PÉROLA

Como é que bota na selva amazônica centenas de homens sem mulher? Era preciso ter bordéis nos canteiros de obras

PAULINHO, da Força Sindical e deputado federal pelo PDT, fala sobre a revolta nas obras do Jirau. (O Globo, 1/4/2011).

AMÂNCIO

ATO NA CSN

No dia 13 de abril aconteceu uma importante assembleia da Campanha Salarial da CSN de Congonhas (MG). Foi a terceira grande manifestação em que os trabalhadores mostraram disposição de luta e atenderam ao chamado do Sindicato Metabase Inconfidentes. A indignação dos trabalhadores com a CSN é grande, devido aos baixos salários e às condições de trabalho. A empresa lucrou R$ 14,5 bilhões com a venda de 25,3 milhões de toneladas de minério de ferro e diz que não tem como atender às reivindicações. "Queremos aumento real de 15%; PLR de 5,6 salários; cartão alimentação de R$ 400; creche e licença-maternidade de seis meses para as trabalhadoras; piso salarial de R$ 1.200", afirmou Efraim Moura, assessor do sindicato.

CAPITALISMO EM BAIXA

Uma pesquisa realizada pela GlobeScan mostrou que a crise econômica mundial vem provocando uma forte diminuição do entusiasmo com o capitalismo. Nos EUA, por exemplo, cerca de 80% diziam que o capitalismo era o melhor sistema em uma pesquisa realizada em 2002. No entanto, esse índice caiu para 59%, segundo a pesquisa atual. Já na França, 57% da população não concorda que o capitalismo seja o melhor sistema. No Brasil, esse índice cai para 26%. No Japão, há um empate técnico com 50% dos entrevistados se proclamando a favor e outra metade contra. A pesquisa realizou 12.884 entrevistas em 25 países.

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?

Sergio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, confirmou em entrevista ao Valor Econômico (dia 13/04) que o sindicato irá enviar projeto de lei visando agilizar as negociações e tornar mais flexível a legislação trabalhista brasileira. "O espaço para negociação no Brasil é quase inexistente, tudo é engessado pela legislação", diz Sérgio Nobre. O sindicalista ainda comentou: "Se ficarmos presos à CLT, travaremos uma série de avanços que são fundamentais para os trabalhadores e para as empresas". Parece que a reforma trabalhista está chegando pelas mãos da CUT.

AUTORITARISMO

A reitoria da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) abriu processos administrativos contra dezenas de estudantes. O motivo foi um ato público realizado na aula magna. Entre eles, estão militantes do PSTU de Santarém (PA). Além disso, a reitoria segue tentando demitir o professor Gilson Costa, que também participou do protesto, e um funcionário da instituição. Para participar da campanha de solidariedade aos ativistas, envie mensagens de repúdio para o reitor da UFOPA, sr. Seixas Lourenço, nos seguintes emails: seixaslourenco@gmail.com e gabineteufopa@hotmail.com. Ajude a repudiar essa perseguição.

Assine o Opinião Socialista

assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME: ____________________
CPF: ____________________
ENDEREÇO: ____________________
BAIRRO: ____________________
CIDADE: __________ UF: ____ CEP: __________
TELEFONE: __________ CELULAR: __________
EMAIL: ____________________

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 12)	☐ (R$ 20)	☐ (R$ 40)
☐ SOLIDÁRIA: R$ ______	☐ SOLIDÁRIA: R$ ______	☐ SOLIDÁRIA: R$ ______

FORMA DE PAGAMENTO

☐ DÉBITO EM CONTA. BANCO: ○ BRADESCO ○ BANCO DO BRASIL ○ CAIXA ECONÔMICA OP.________
AGÊNCIA: ____________
CONTA: ____________
☐ CARTÃO VISA Nº ____________ VAL. ________
☐ BOLETO
☐ CHEQUE *

Recorte e mande para: Rua dos Caciques, 265. Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

▶ Atnágoras Lopes, da CSP-Conlutas, fala em entrevista sobre as greves da construção civil nas obras do PAC.

▶ Acompanhe também novos vídeos sobre a luta dos trabalhadores da construção civil em Fortaleza (CE).

▶ Reveja a íntegra do ato na UFRJ em defesa dos 13 do consulado .

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 Tel.: (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
***gayslesb@pstu.org.br*
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - R Dr. Rocha Cavalcante, 556. A Vergel - (82) 3032 5927. *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013. Centro (altos Bazar Brasil). Tel (96) 3224-3499. *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093. *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R. da Ajuda, 88, Sala 301. Centro. Tel (71) 3015-0010 *pstubahia@gmail.com. Blog: pstubahia.blogspot.com*
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910. Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710. Benfica. CEP 60015-340. *fortaleza@pstu.org.br*

JUAZEIRO DO NORTE - Rua São Miguel, 45. São Miguel. Telefone: (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, Sala 215. Asa Sul. CEP 70.306-000. Fone/Fax: (61) 3226-1016 *brasilia@pstu.org.br. Blog: pstubrasilia.blogspot.com*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 237, nº 440, Qd. 106, Lt- 28, Casa 014, CEP 74605-160. Setor Universitário. Tel (62) 8426 4966. *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, Sala 10. Monte Castelo. Tel (98) 8812-6280/8888-6327. *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165. Jd. Leblon. CEP 78060-010. Tel (65) 9956-2942/9605-7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921. Vila Planalto. Tel (67) 3331-3075/9998-2916. *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - R. da Bahia, 504, sala 603 - Centro (31) 3201-0736. *bh@pstu.org.br. Site: minas.pstu.org.br*

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202. Eldorado. Tel (31) 2559-0724

JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 20, sala 301. Centro. *juizdefora@pstu.org.br*

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. Tel (34) 3312-5629. *uberaba@pstu.org.br*

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*

ALTOS - Duque de Caxias, 931. Altos. Telefone: (91) 3226.6825 (91) 8247.1287.

SÃO BRÁZ - R. 1º de Queluz, 134. São Braz. Telefone: (91) 3276-4432.

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Sérgio Guerra, 311, sala 1. Bancários. Tel (83) 241-2368. *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Av. Luiz Xavier, 68, sala 608. Centro. *curitiba@pstu.org.br*

MARINGÁ -Rua José Clemente, 748, Zona 07. CEP 87020-070. Tel (44) 9111 3259. *Blog: pstunoroeste.blogspot.com*

PERNAMBUCO

RECIFE - R. Santa Cruz, 173, 1º andar. Boa Vista. Tel (81) 3222-2549. *pernambuco@pstu.org.br. Site: www.pstupe.org.br.*

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. *teresina@pstu.org.br. Blog: pstupiaui.blogspot.com*

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180. Lapa. *Tel (21) 2232-9458. riodejaneiro@pstu.org.br. Site: rio.pstu.org.br*

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404. Centro. *d.caxias@pstu.org.br*

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308. Centro. *niteroi@pstu.org.br*

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766 - Fundos. Centro. CEP 27916-000. Macaé (RJ). Telefone: (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62. Cordueira. Telefone: (22) 2533-3522

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546. Centro

VALENÇA - R. 2, 153 - BNH. João Bonito. CEP: 27600-000. Telefone: (24) 2452 4530. *sulfluminense@pstu.org.br*

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43 - Sala 202. Aterrado. CEP 27.215-090. Telefone: (24) 3112.0229. *sulfluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - R. Apodi, 250. Cidade Alta. Telefone: (84) 3201 1558. *natal@pstu.org.br. Blog: psturn.blogspot.com*

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243. Porto Alegre. Tel (51) 3024.3486/3024.3409. *portoalegre@pstu.org.br. Blog: pstugaucho.blogspot.com*

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105. Morada do Vale I. Tel (51) 9864 5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432 sala 20. Galeria Dom Guilherm. Tel (54) 9993 7180

SANTA CRUZ DO SUL - Tel (51) 9807 1722

SANTA MARIA - Tel (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77. Centro. Tel (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Imigrante Meller, nº 487. Pinheirinho. Tel (48) 3462-8829/9128 4579. CEP: 88805-085 *pstu_criciuma@yahoo.com.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248. São Bento. Tel (11) 3313-5604

ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18. São Miguel. Tel (11) 7452-2578

ZONA SUL - R. Amaro André, 87. Santo Amaro. CEP 04753-010. Tel (11) 5823-8440.

ZONA OESTE - R. Belckior Carneiro, 20. Próximo à estação Lapa da CPTM. CEP 05068-050. Tel (11) 7071-9103.

BAURU - R. Antonio Alves, 6-62. Centro. CEP 17010-170. *bauru@pstu.org.br*

CAMPINAS - R. Saldanha Marinho, 990 Tel (19) 3236-0359. *campinas@pstu.org.br*

FRANCO DA ROCHA - Av. 7 de Setembro, 667. Vila Martinho. *educosta16@itelefonica.com.br*

GUARULHOS - R. Harry Simonsen, 134 - Fundos. Centro. Telefone: (11) 2382-4666. *guarulhos@pstu.org.br*

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213. Centro. Tel (11) 9987-2530. *saopaulo@pstu.org.br*

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, Sala 05. Jardim Caiçara. Tel (18) 3221-2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614. Campos Eliseos. Tel (16) 3637-7242. *ribeirao@pstu.org.br*

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58. Centro. Telefone: (11) 4339-7186. *saobernardo@pstu.org.br Blog: pstuabc.blogspot.com*

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Sebastião Humel, 759. Centro. Tel (12) 3941-2845. *sjc@pstu.org.br*

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917 - sobreloja. Pq. Pirajuçara. Telefone: (11) 4149-5631

JACAREÍ - R. Luiz Simon, 386. Centro. Tel (12) 3953.6122

SUZANO - Tel (11) 4743-1365. *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b. Conjunto Orlando Dantas. Telefone: (79) 3251-3530. *aracaju@pstu.org.br*

Os trabalhadores e Dilma

Dilma completou cem dias de governo. Os trabalhadores deveriam observar este início para descobrir o que esperar dela. Afinal, a petista está sendo apoiada no início de mandato mais do que qualquer outro presidente na história, com 47% de avaliação de seu governo como boa e ótima. Mais do que Lula no início do primeiro e do segundo mandato. Muito mais do que FHC.

Os trabalhadores pensam que governam através de Dilma. Que é um governo "seu", como achavam que era o de Lula. Esse foi um engano que se manteve durante os oito anos de mandato de seu antecessor. O longo período de crescimento econômico (e a saída rápida da crise no final de 2008 – início de 2009) foi a base material desse erro. A figura de Lula, com o apoio de CUT, PT e MST, completa a explicação para essa falsa consciência.

E agora Dilma dá continuidade, com algumas características particulares. Como não é figura construída no movimento de massas, é mais discreta, sem a onipresença de mídia e as frases de efeito de Lula. E...aponta para um governo ainda mais à direita.

Dilma fez o maior corte de orçamento da história: R$ 50 bilhões. Os efeitos já são percebidos nos gastos sociais como saúde e educação, além da redução no programa Minha Casa, Minha Vida. O reajuste do salário mínimo foi menor que o aumento da inflação pela primeira vez nos governos do PT. Já existem sinais de reformas mais duras que as feitas nos governos de FHC e Lula, como a trabalhista, anunciada como proposta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Agora Dilma está se enfrentando com outro teste: as greves, em particular do funcionalismo público federal e da construção civil. O funcionalismo está se chocando com a decisão do governo de impor um congelamento salarial à categoria.

Na construção civil, houve greves e levantes em obras do PAC, como em Jirau. Na cabeça desses trabalhadores, os patrões são uma coisa e Dilma é outra. Não é assim. Como são obras financiadas pelo governo, a presidente poderia determinar as condições de trabalho e salário. Não faz isso porque defende os lucros das empreiteiras.

Quando explodiram as greves, o governo convocou uma comissão com as centrais sindicais. CUT, Força Sindical e outras pelegas participam com a mesma postura própatronal e de apoio ao governo.

A CSP-Conlutas participou para defender os interesses dos trabalhadores, apresentando exigências ao governo e às empreiteiras, como a efetivação de todos (contra a terceirização) e a proibição das demissões, além de reajustes salariais e melhoria das condições de trabalho.

O anúncio de demissões no Jirau mostra que o governo está novamente ao lado dos patrões. A CSP-Conlutas já denunciou essas demissões, ao contrário da CUT e da Força, que mais uma vez mostram seu caráter pelego.

Agora, os operários da construção civil de Fortaleza, dirigidos pela CSP-Conlutas, estão em greve. Vão tirar suas conclusões sobre os patrões e também sobre o governo Dilma.

Os trabalhadores, em greve ou não, devem aprender com essas primeiras experiências com Dilma. Ao contrário do que pensa a maioria, é um governo burguês, que apoia as grandes empresas e usa seu prestígio com os trabalhadores para travar as lutas. Por isso, é necessário exigir de Dilma que evite qualquer demissão nas obras do PAC e garanta os reajustes do funcionalismo, deixando de pagar a dívida pública. ■

Opinião

15 anos do massacre de Eldorado dos Carajás

JERONIMO CASTRO*

Na tarde do dia 17 de abril de 1996, em um trecho da rodovia PA-150 conhecido como curva do S, 19 sem-terra foram mortos e outros 60 saíram feridos em um dos massacres mais impressionantes do Brasil "democrático".

O grupo que marchava havia feito uma ocupação da fazenda Macaxeira e exigia sua desapropriação para reforma agrária.

Era o tempo das grandes ocupações de terra, do MST com um apoio popular imenso, da reforma agrária pautada em todas as discussões políticas. De uma tremenda polarização no campo, onde sem-terra e trabalhadores de um lado, e latifundiários e burguesia do outro, lutavam para disputar que forma de propriedade e desenvolvimento agrário deveria predominar.

O efeito do massacre na população foi espantoso. Em todo o país houve atos. Em Belém do Pará, estado onde aconteceu o massacre, no dia do protesto, a Polícia Militar foi retirada das ruas para evitar que a população se enfrentasse com ela. E, raridade na história recente do país, a manifestação atacou um quartel sem sofrer nenhuma retaliação.

Nos meses que se seguiram ao massacre, o prestígio do MST cresceu como nunca. Uma marcha convocada por eles levaria ao que seria a Marcha dos 100 mil.

Quinze anos depois, nenhum dos envolvidos no massacre está preso, a reforma agrária continua por fazer e o agronegócio avançou justamente no governo do partido que supostamente era o maior aliado do MST, o PT.

O governo Lula, como nenhum outro, apoio, financiou e defendeu o avanço do capitalismo no campo. Uma contrarreforma agrária, de caráter mercantil e reacionário, foi executada. Uma campanha midiática foi feita para satanizar o MST e toda a luta pela terra. O próprio MST mudou, ao acreditar que o governo Lula era seu governo, ocupou postos na estrutura federal e freou a luta direta pela terra.

É verdade que nenhuma homenagem trará de volta os mortos, nem suprirá a ausência dos que tombaram naquele dia para seus companheiros, amigos e parentes. Os órfãos continuarão órfãos, as viúvas continuarão viúvas. Mas é necessário não deixar cair no esquecimento estes 19 mortos. Mais do que artigos e protestos, nós queremos homenageá-los com lutas. Manter viva não apenas na memória, mas nos nossos atos cotidianos, a bandeira que eles defendiam, e reivindicar como mais atual que nunca a luta por uma reforma agrária ampla, radical e sob controle dos trabalhadores.

Mantemos viva a certeza cantada naqueles dias, de que "nosso lema é ocupar, resistir e produzir", e de que só sairá reforma agrária com a aliança camponesa e operária. Nós reivindicamos plenamente suas lutas, nós as levaremos adiante. ■

*advogado que estava em Eldorado na época do massacre.

Um novo presidente para manter a velha dominação

POBREZA. Pouco mudou no Haiti depois do terremoto. Criança brinca em um canal próximo aos acampamentos de desabrigados em Porto Príncipe. 9 de janeiro de 2011

MICHEL MARTELLY . O novo rosto do imperialismo no Haiti. Venceu apoiado nas fraudes e no Partido Republicano dos EUA

URNA. Uma urna de deputados mostra como a eleição foi vulnerável às fraudes

DA REDAÇÃO

No último dia 20, o cantor popular Michel Martelly foi eleito presidente do Haiti. Embora o resultado oficial ainda não tenha sido divulgado, o Conselho Eleitoral Provisório (CEP) anunciou que Martelly obteve 67,57% dos votos, segundo resultados preliminares.

Martelly foi eleito em meio a uma grande crise política, desencadeada após denúncias de irregularidades e fraudes no primeiro turno das eleições, realizadas no dia 28 de novembro de 2010. Na ocasião, poucos haitianos votaram. Somente 27,1% dos eleitores registrados participaram do primeiro turno. Denúncias de fraudes e irregularidades foram feitas por quase todos os candidatos, organismos de observação nacionais e internacionais e inclusive membros do Conselho Eleitoral Provisório. Na época, o então presidente René Préval tentou emplacar seu candidato, Jude Célestin, no segundo turno das eleições. Mas a publicação dos resultados preliminares, que colocavam Célestin e a candidata Mirlande Manigat para a disputa, provocou uma onda de violência e protestos, dirigidos pelos partidários de Martelly.

Diante da crise, a OEA (Organização dos Estados Americanos), a Minustah, o imperialismo norte-americano e a França, antiga metrópole colonial do Haiti, não reconheceram o resultado eleitoral, o que obrigou Préval a recuar. Dessa forma, depois de ser adiado por várias vezes, Jude Célestin foi excluído do processo, dando lugar a Martelly, que acabou vencendo o segundo turno .

MAIS FRAUDES

A grande imprensa e os organismos internacionais tentam agora sustentar a credibilidade do processo eleitoral. Mas o segundo turno das eleições não foi tão "limpo" como é apresentado pela ONU e a OEA. Uma reportagem da rede de TV Al Jazeera mostrou um local de votação onde todos os documentos tinham desaparecido. Jornalistas independentes também relataram cabos eleitorais de Martelly distribuindo alimentos ilegalmente para a população. Além disso, funcionários da ONU reconheceram que a baixa participação dos eleitores se repetiu novamente. Nas favelas da capital Porto Príncipe, era evidente que muita gente seguia com sua vida cotidiana sem se dar conta da eleição.

UMA ELEIÇÃO PARA LEGITIMAR A OCUPAÇÃO

Toda essa crise política evidenciou a farsa do processo eleitoral haitiano, totalmente controlado pelas tropas da Minustah e pelo imperialismo. Só disputaram as eleições os candidatos que foram autorizados pela Minustah. E nenhum deles defendeu a retirada das tropas de ocupação do país.

A crise também permitiu que velhas raposas da política haitiana retornassem ao país para tentar tirar proveito do vácuo de poder. O primeiro foi o exditador Jean-Claude, o Baby Doc. Filho do sanguinário Papa Doc, essa figura sinistra foi expulsa do poder em 1985, após uma revolta popular. Desde então, vivia no exílio desfrutando do dinheiro roubado do país.

Outra figura que retornou foi o expresidente Jean Bertrand Aristide, que foi o primeiro presidente eleito democraticamente do Haiti em 1991. Ele serviu por mais duas legislaturas entre 1994 e 1996 e 2001 e 2004 — em ambas, foi retirado do poder por golpes de Estado. Na primeira, foi reconduzido ao poder por tropas norte-americanas, enviadas pelo governo Bill Clinton. Mas o apoio norte-americano foi condicionado a um acordo no qual Aristides se comprometeu a implementar todo o receituário neoliberal no país. Já no seu segundo mandato, em 2004, o ex-presidente deixou o governo após uma rebelião armada. Visando estabilizar o país, tropas dos EUA e da França ocuparam o Haiti e levaram Aristides à África do Sul. Desde então, o país mais pobre das Américas sofre uma ocupação militar chefiada, vergonhosamente, pelo Brasil.

UM NOVO ROSTO

Ao longo de sua campanha, Martelly tentou mostrar a imagem de "esperança" e de um "futuro melhor" para um país devastado pelo terremoto de janeiro de 2010 e por uma epidemia de cólera trazida por soldados nepaleses da Minustah. Dessa forma, o candidato explorou sua imagem como filantropo e de um homem "preocupado com os pobres".

Mas toda a campanha de Martelly teve a assessoria de políticos e marqueteiros ligados ao Partido Republicano dos EUA. Sua campanha foi assessorada por uma experiente empresa de marketing baseada em Miami que já trabalhou para John McCain (candidato derrotado por Obama nas eleições dos EUA) e para Felipe Calderón (presidente do México).

Após a vitória, Martelly se reuniu em sua mansão no Haiti com empresários e diplomatas para comemorar o resultado e discutir o "futuro" do país. Muitos dos participantes eram os doadores de sua campanha milionária, inclusive banqueiros.

Sobre a ocupação da Minustah, Martelly manifestou explicitamente sua posição. "Planejo construir uma força nacional, não exatamente Forças Armadas. Não imagino o Haiti em guerra com outros países. Espero construí-la com a ajuda da Minustah [a missão na ONU no país] e outros países com expertise na matéria", explicou.

O popular cantor haitiano cumpriu um papel decisivo para a política de dominação do imperialismo no Haiti. Seu carisma permite um novo fôlego ao regime do país, sendo uma aposta para reverter a crise política. O desgaste de Préval, hoje odiado pela maioria do povo haitiano, colocava em xeque a própria manutenção da ocupação da Minustah, alvo de vários protestos populares no ano passado.

Martelly é apenas um novo rosto para uma velha dominação. Seu governo vai manter a essência da política de Préval, isto é, a abertura do mercado haitiano para empresas estrangeiras, sobretudo as norte-americanas, que pretendem explorar ainda mais a mão de obra mais barata das Américas. "Hoje, a ONU aplica cegamente o capítulo 7 da sua Carta, enviando tropas para impor sua operação de paz. Nós não resolvemos a situação de ninguém, mas sim criamos um império. Todos querem fazer do Haiti um país capitalista, uma plataforma perfeita de exploração para o mercado americano, isso é um absurdo", disse em entrevista Ricardo Seitenfus, que foi destituído do cargo de representante especial da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Haiti por ter criticado a ação das Nações Unidas.

Só esqueceu-se de dizer que tudo isso é realizado com o apoio do governo Dilma. ■

FABIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR

Por que querem mudar o Código Florestal?

Mudanças atenderão somente aos interesses dos ruralistas e do agronegócio

DENNIS OMETTO, São José dos Campos (SP)

Até há poucos anos, nenhum político se preocupou em aperfeiçoar esta que é uma das mais antigas e importantes leis ambientais do país. Isso porque a proteção da natureza inserida entre os artigos do Código Florestal ainda não estava incomodando os capitalistas, em especial os latifundiários e as empresas agropecuárias.

O problema é que nenhuma atividade econômica dentro do sistema se destina a suprir necessidades humanas. Toda a produção tem como objetivo gerar lucro para aqueles que são proprietários das indústrias, dos bancos e das terras. Assim, a produção não pode ficar parada, tendo que se expandir continuamente.

Essa expansão, cedo ou tarde, esbarraria nas leis de proteção ambiental, que limitam bastante a exploração econômica em determinadas áreas fundamentais para o equilíbrio ecológico. Em outras palavras, em locais que contêm recursos naturais de que necessitamos para viver com dignidade.

Assim, não é verdadeira a principal desculpa utilizada pelo relator do projeto do novo código, o deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP), de que essas mudanças seriam necessárias para beneficiar os "pequenos agricultores". A agricultura familiar, a propósito, responsável por mais de 70% da comida que chega à mesa dos brasileiros, vem convivendo muito bem com as leis ambientais, pelo menos desde 1965, quando foi editado o atual Código Florestal.

Quem não se dá bem com isso são os grandes capitalistas do campo, aqueles cujos interesses o deputado quer proteger. Não têm mais espaço para desmatar, abrir pastagens, plantar soja (inclusive transgênica!), eucalipto, vender madeira e especular com a terra. Daí por que eles querem avançar sobre essas áreas protegidas e mudar a lei que impede esse avanço. E, do ponto de vista ambiental, as mudanças propostas são desastrosas.

ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

O código atual relaciona alguns locais que devem ser protegidos de uma forma tão eficaz que não se admite nenhuma atividade neles, econômica ou não. Eles estão em toda a parte, em zonas rurais e urbanas, tendo como função garantir a existência de recursos naturais essenciais. Por exemplo, as margens de rios, entornos de nascentes, encostas e topos de morro.

A vegetação das beiradas de rios, ou ciliar, só para citar um caso, serve para evitar o assoreamento, a erosão e a poluição, além de regular até a temperatura da água, preservando o ecossistema aquático.

O assoreamento dos rios também provoca as famosas cheias, de tristes memórias. Sem contar as tragédias causadas pela erosão, levando a repentinos deslocamentos de grandes massas de terra e rocha, que desabam morro abaixo.

Portanto, não foi à toa que essas áreas receberam a designação de "preservação permanente". Porém, o deputado e seus amigos querem reduzir pela metade essas áreas de beira de rio e nascentes, deixando para os estados definirem se as encostas e topos de morro devem ser protegidos. Ou seja, se houver interesse econômico envolvido, certamente vão considerar o contrário. As regiões serranas do Sul e Sudeste, por exemplo, poderão ser ocupadas pelos grandes hotéis e condomínios de luxo.

RESERVA LEGAL

Pelo Código Florestal em vigor, os produtores rurais são obrigados a manter um percentual de vegetação nativa de 80% na Amazônia Legal, 35% no Cerrado e 20% nas demais regiões.

De acordo com a proposta de Aldo Rebelo, as propriedades com até quatro módulos rurais não serão obrigadas a manter reserva nenhuma. O tamanho do módulo rural pode variar de cinco a 110 hectares, dependendo do município e da região do país. Com a nova lei, em alguns lugares, propriedades de 1.100.000 m² não precisarão manter uma única árvore em pé. Em outros, as empresas e latifundiários poderão comprar diversas "pequenas propriedades", cada uma delas também sem nenhuma reserva de vegetação.

Como se não bastasse, eles também não querem a sobreposição de Áreas de Reserva Legal com as de preservação permanente. Isso significa que, se na gleba em questão já houver uma nascente, por exemplo, o proprietário pode "descontar" suas dimensões da reserva legal, independentemente do tamanho de sua propriedade.

É difícil imaginar uma grande extensão de terra sem ao menos uma nascente, um rio, uma encosta ou um morro. Então, na prática, pode não haver mais reserva legal de vegetação em nenhum lugar do país.

ANISTIA PARA DESMATADORES

A legislação atual determina que o desmatamento em áreas de preservação permanente e a falta de registro da reserva legal deixam o produtor sujeito a multas e até à suspensão das atividades produtivas. Mas no projeto da nova lei há a concessão do prazo de cinco anos,para aquele que desmatou se "adequar" e não obriga a recomposição da mata derrubada até julho de 2008, ou seja, anistia os desmatadores até essa data.

Não é difícil concluir que a sustentabilidade que virá com a nova lei é a da atividade econômica exploradora dos ruralistas e do agronegócio, entre outras.

DEBATE NECESSÁRIO

Toda a discussão em torno do Novo Código Florestal é em essência uma fraude completa. Não existe discussão alguma, apenas uma imposição desses setores. Muitos políticos têm suas campanhas políticas financiadas pelas empresas interessadas em expandir seus negócios para as áreas atualmente protegidas. E a única espécie de preservação com que o deputado Aldo Rebelo está preocupado é a do cargo que ocupa.

O debate que deve ser colocado à população em geral aponta para o sentido oposto deste tomado pelo deputado do PCdoB. Uma nova legislação ambiental tem que dar mais proteção aos recursos naturais, não menos. Também deve criar mecanismos para que as comunidades tenham livre acesso aos mesmos e possam interferir nos licenciamentos de obras e empreendimentos.

ELZA FIÚZA/ABR

Agricultores familiares protestam contra as mudanças no Código Florestal na sede do Incra

MARCELLO CASAL JR/ABR

A marcha organizada pelo agronegócio teve uma especial participação de Aldo Rebelo e de sua aliada Kátia Abreu, do DEM

Aonde vai o PCdoB?

A colaboração do PCdoB com os capitalistas não se limita ao fato de este velho partido stalinista estar abraçando uma bandeira histórica da bancada ruralista. Desde 2005, o partido controla a Agência Nacional do Petróleo, com Haroldo Lima. Foi sob a sua gestão que o órgão encaminhou os leilões de entrega do petróleo (instituídos por FHC) e impôs o novo marco regulatório que vai entregar o pré-sal às multinacionais, além da capitalização que beneficiou os acionistas internacionais da empresa.

Como se não bastasse, o ministro dos Esportes, Orlando Silva, do PCdoB, é um dos principais articuladores com as empreiteiras que vão tocar as obras da Copa e da Olimpíada. Somente com a Copa serão gastos mais de R$ 18 bilhões em obras. Alguma dúvida de que as obras favorecerão o enriquecimento dos capitalistas à custa de dinheiro público? ■

Superexploração sustenta lucros da Embraer

HERBERT CLAROS, de São José dos Campos (SP)*

A luta dos operários das obras do PAC tem chamado a atenção nas últimas semanas. Mas péssimas condições de trabalho, superexploração e extensas jornadas de trabalho também afligem os operários das fábricas, como é o caso da Embraer.

O grau de exploração aumentou nas fábricas metalúrgicas após a crise mundial que se abateu em 2008. A resposta dos patrões foram demissões e retirada de direitos. Quem ficou na fábrica acabou sofrendo uma bruta superexploração.

A Embraer simbolizou muito bem essa situação. Em 19 de fevereiro de 2009, demitiu mais de 4.270 trabalhadores e continuou esse processo nos últimos anos, chegando a demitir mais de seis mil.

Quem vê de fora pode imaginar que a produção da empresa está lenta. Mas é exatamente o contrário. A produção não para e, dentro da fábrica, há inúmeras reclamações sobre o aumento do trabalho. As horas extras foram comuns nesses últimos meses. Em novembro e dezembro de 2010, período em que a empresa acelerou a produção para garantir a entrega anual de aeronaves, os trabalhadores fizeram muitas horas extras.

REESTRUTURAÇÃO

"Se Santos Dumont inventou o avião, quem inventou o Kaizen foi o Capeta".

OPERÁRIOS DA EMBRAER reivindicam a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais

Essa frase pode ser lida em diversos banheiros da fábrica e representa a atual situação de exploração. O Kaizen é um sistema de produção de inspiração toyotista que busca fazer os trabalhadores produzirem mais com menos pessoas.

Grande parte das demissões ocorridas até agora não foi por conta da crise econômica, como diz a direção da empresa, mas provocada pela reestruturação produtiva que necessitava eliminar postos de trabalho e aumentar a exploração dos trabalhadores. Um exemplo pode ser o setor da asa dos aviões EMB-170 e EMB-190. Onde antes trabalhavam cerca de 200 operários em dois turnos, hoje trabalham 110 em um único turno.

DOENÇAS E LESÕES

O departamento de Saúde e Segurança do Trabalho do sindicato é um dos mais procurados pelos trabalhadores. O número de operários lesionados aumentou significativamente nos últimos anos. E a empresa, em vez de buscar sanar esses problemas, faz o contrário, intensifica cada vez mais o ritmo de trabalho.

Em muitas áreas, como a selagem e pintura, os operários estão expostos a produtos químicos cancerígenos e causadores inclusive de problemas psíquicos quando inalados, como o Rhodiasolv.

RESPOSTA DO SINDICATO

Na campanha salarial de 2010, o sindicato teve como principal reivindicação da categoria a estabilidade no emprego até a aposentadoria para todo trabalhador que tenha sofrido acidente de trabalho ou adquirido doença ocupacional.

A empresa se mostrou intransigente. Mas, graças a muita pressão dos trabalhadores, a Embraer foi forçada a assinar um acordo salarial que tem uma cláusula de estabilidade para o lesionado. Das fábricas do setor aeronáutico, só a Embraer não tinha ainda está cláusula assinada.

*Militante do PSTU, funcionário da Embraer e vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de SJC

Avanços na organização no local de trabalho

WAGNER "FERA" *

A eleição da Cipa foi mais uma prova da importância da unidade dos trabalhadores. O sindicato apresentou sete candidatos, sendo eleitos cinco destes. Os trabalhadores começam a entender o processo de exploração ao qual estão expostos e começam a mudar esta situação, votando nos candidatos do sindicato para a Cipa.

Atendendo a reivindicação dos trabalhadores, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos também disputou a vaga de representante dos trabalhadores no Conselho Administrativo da Embraer. Este conselho existe desde a privatização da empresa e deveria servir como uma forma de fiscalizar as operações da empresa. Mas esta vaga na verdade tem sido usada para cooptar sindicalistas.

A Chapa 4, do sindicato, venceu as eleições em São José dos Campos, mas graças a manobras da empresa e o completo apoio à Chapa 8, da CUT, acabou ficando em segundo lugar com uma diferença de apenas 400 votos num total de 10.700 votos.

Com esta situação, o sindicato contestou o resultado e entrou com pedido de segundo turno das eleições na Justiça, considerando que a diferença entre as duas chapas foi de apenas de 4%. ■

* Cipeiro eleito e mais votado a Cipa 2011 da Embraer

Sindicato defende redução da jornada

Governo federal não pode ser conivente com a exploração da Embraer; por isso, o sindicato exige posicionamento de Dilma

HERBERT CLAROS

A Embraer voltou a ser notícia na última semana, com a ida de Dilma à China. A missão era garantir a manutenção das operações e vendas da Embraer naquele país.

O governo brasileiro foi ajudar a direção da empresa a negociar a transformação da fábrica da Embraer na China, para que ela possa montar no país o jato executivo Legacy 600. A unidade está ameaçada de fechamento, por causa da decisão dos chineses de não comprar mais os jatos EMB-145 fabricados lá pela associação entre a chinesa Avic e a Embraer.

Os contratos com a Embraer na China fazem parte de um pacote de cerca de vinte acordos e memorandos de entendimento que foram assinados durante a visita de Dilma.

A expansão da empresa para outros países está ocorrendo em razão da exploração e demissão de trabalhadores brasileiros. O governo vem tomando medidas que beneficiam apenas a empresa: todas as vendas realizadas pela fábrica são financiadas pelo BNDES, inúmeras encomendas governamentais para o setor de defesa da Embraer e a garantia de compra do novo avião cargueiro (KC390). Além disso, o governo realiza um trabalho internacional para facilitar contratos da Embraer, sendo garoto propaganda da empresa.

O esforço do governo acaba se revertendo em lucro para os acionistas, em boa parte compostos por grandes fundos de investimentos internacionais.

CAMPANHA

No último dia 15, o sindicato esteve presente em Brasília e protocolou o pedido de abertura imediata de discussão sobre a situação dos trabalhadores da Embraer, principalmente sobre a redução da jornada para garantia de emprego e novas contratações, solicitando agendamento de uma reunião.

Os trabalhadores reivindicam a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, seguindo modelo adotado há anos pelo setor aeronáutico no resto do mundo. Essa medida simples se reverteria tanto na geração de emprego como na redução significativa dos acidentes e doenças do trabalho.

Em dezembro do ano passado, em grande assembleia no pátio da empresa, os trabalhadores aprovaram por unanimidade a intensificação da campanha pela redução da jornada para 40 horas semanais rumo a 36 horas, sem redução de salário e direitos.

Acreditamos que os investimentos governamentais na Embraer devem ser revertidos para a reestatização da empresa. Só assim será possível tanto desenvolver o setor de defesa do país como garantir direitos e condições dignas de trabalho aos operários da Embraer.

Tragédia em Realengo e a cultura de violência no capitalismo

Declaração do PSTU sobre a tragédia em Realengo

DA REDAÇÃO

Como todos os brasileiros, foi com tristeza e horror que assistimos ao massacre de Realengo. Na manhã do dia 7 de abril, um jovem de 23 anos invadiu a escola Tasso da Silveira, no Rio, e tirou a vida de dez meninas e dois meninos a bala. O assassino Wellington Menezes de Oliveira se matou em seguida.

Em primeiro lugar, somos solidários a todas as mães, aos pais, amigos, familiares. A dor dessa perda é inimaginável. Foram 12 projetos abortados de forma tão artificial e brutal. Somos muito solidários também aos professores, que terão de conviver com este trauma para o resto de suas vidas.

Este é um daqueles momentos que exige de nós uma reflexão mais profunda sobre o mundo em que vivemos. Analisar os fatos pontualmente pouco serve. Este foi o primeiro assassinato em massa numa escola brasileira. Porém não pode ser reduzido ao produto simples de uma mente perversa e doente.

UMA QUESTÃO MAIS PROFUNDA

O antes, o durante e o depois dessa história são uma pequena amostra do quanto a sociedade capitalista animaliza a humanidade. O atirador enxergou na escola o alvo para se vingar de um mundo doente, do qual ele foi a máxima expressão naquela quinta-feira de abril. Escola onde ele, portador de esquizofrenia, estudou durante anos sofrendo bullying.

A doença de Wellington nunca foi tratada. Os projetos pedagógicos para portadores de necessidades especiais são fantásticos, mas só existem no papel. E como poderiam ser executados num país onde a educação é a primeira atingida pelos cortes de verbas? Cortes que servem para desviar o dinheiro para o pagamento da dívida pública.

Sem investimento, não há qualificação profissional. Os professores, ainda que identifiquem os problemas, não têm meios para agir. Aliás, eles mesmos são acometidos por doenças psicoemocionais provocadas pelo trabalho. São muitas horas trabalhadas para um salário miserável. Frequentemente, sofrem agressões morais e físicas de alunos e até de pais.

Soma-se a isso o preconceito contra os portadores de distúrbios. A sociedade capitalista alimenta esse tipo de discriminação, porque não é interessante investir em saúde. O tratamento exige uma estrutura diferenciada com profissionais altamente qualificados. Os medicamentos são absurdamente caros. Muitos deles – normalmente os mais eficazes – ainda não têm a patente quebrada.

No entanto, essa mesma sociedade é a causadora de um aumento imenso nos casos de doenças psicoemocionais. Pesquisas já indicam que esses transtornos estão chegando ao topo da lista de doenças do trabalho.

Escola em Realengo no dia da tragédia

> Com a tragédia consumada, a imprensa e o governo trataram de tirar o máximo proveito possível. A questão era: como aproveitar o episódio para, de alguma forma, aumentar a audiência das emissoras de TV e ainda ampliar a repressão sobre a população?

Mas a doença por si só não explica o crime. Houve um histórico que levou Wellington a dar este desfecho para os seus delírios. Em sua cabeça, estava se vingando da discriminação que sofrera na infância. Discriminação que é fruto de uma ideologia que impõe padrões de comportamento, de normalidade, que estimula o individualismo e o egoísmo.

O ser humano passa a ser mais uma coisa num mundo de mercadorias. A miséria crescente traz consigo a brutalidade. O capitalista precisa pagar cada vez menos pela força de trabalho, precarizar as condições de vida do ser humano e promover a violência – como as guerras - para aumentar seus lucros e garantir seu domínio.

No Rio de Janeiro, em particular, tornou-se normal assistir a polícia subindo os morros para matar a população pobre. A chacina promovida pelo Bope ganha status de heroísmo em nossa sociedade, e a política de segurança do governador Sérgio Cabral é aplaudida de pé pela classe média e pela burguesia carioca. No meio disso tudo, que valor tem uma vida? Quem, afinal, é responsável pelo aumento da violência?

TRAGÉDIA COMO ESPETÁCULO

A comoção que se deu é totalmente justificada. Contudo, com a tragédia consumada, a imprensa e o governo trataram de tirar o máximo proveito possível. A questão era: como aproveitar o episódio para, de alguma forma, aumentar a audiência das emissoras de TV e ainda ampliar a repressão sobre a população?

A tentativa de ligar o assassino a algum grupo fundamentalista islâmico beirou o ridículo, mas serve para gerar confusão e xenofobia. Já os políticos se aproveitaram da desgraça para tentar reverter uma derrota do passado. Em 2005, no plebiscito do desarmamento, a população rechaçou a proibição da venda de armas de fogo. Agora, em meio ao sofrimento geral, o senador José Sarney – um símbolo da corrupção do país - se apressou em chamar uma reunião para discutir a possibilidade de um novo plebiscito. Querem fazer crer ao povo brasileiro que a raiz da violência está no comércio de armas e munição em nosso país, e não pela degradação da situação social, da qual os políticos são responsáveis. Falam em desarmar a população e fazer com que o Estado, através de seu aparelho repressor, assuma a condição de protetores da sociedade. Mas quem confia, em sã consciência, na polícia como ela está organizada atualmente?

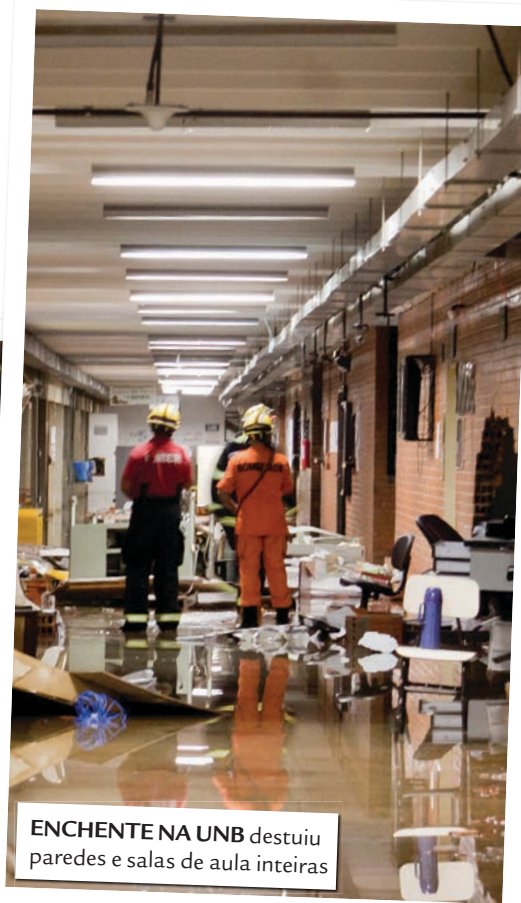
José Sarney e o Congresso estão se lixando para os problemas cotidianos que os trabalhadores sofrem. Recentemente votaram um salário mínimo de fome para a população, enquanto aumentaram seus próprios salários em quase 62%, indo para R$ 26.700.

Ao receber a notícia, a presidente Dilma chorou. Mas a presidente é responsável pelo mais corte orçamentário dos últimos anos. Mais de 50 bilhões de reais no foram retirados do orçamento da educação, a saúde e os serviços públicos, o que vai degradar ainda mais as condições de vida da população.

Não foi apenas Wellington que matou aquelas crianças. O crime também teve outros atiradores: a sobrecarga de trabalho, a falta de lazer, o preconceito, a precarização da saúde e da educação, a violência policial, a criminalização dos movimentos sociais e da pobreza, a ideologia burguesa, a falta de perspectiva e de sentido para a vida.

O que os trabalhadores precisam o sistema capitalista não pode dar. Só os próprios trabalhadores podem lutar e construir esse mundo onde um ser humano não é dono do outro e em que todos tenham os mesmos direitos e deveres. ■

Está em marcha o 1º Congresso da Anel!

FUNDAÇÃO DA ANEL em 2009 no Congresso Nacional de Estudantes

ENCHENTE NA UNB destuiu paredes e salas de aula inteiras

JORGE BADAUÍ,
da secretaria nacional da juventude

O ano começou agitado no movimento estudantil. O corte de R$ 3 bilhões no orçamento da educação tem tido efeitos concretos nas escolas e universidades brasileiras. A escassez de verbas atinge em cheio as instituições de ensino, como a UFJF – que opera com orçamento 50% menor em relação a 2010 –, e vão se espalhando dificuldades, como a falta de professores, atrasos nas bolsas, filas enormes nos bandejões e cortes nos trabalhos de campo.

O investimento do governo Dilma na propaganda de sua política educacional é imenso. Mas uma análise mais rigorosa dos projetos em curso e da nova proposta de PNE em tramitação não deixa dúvida de que o governo está, na verdade, atacando a educação pública. Nesse mesmo contexto estão os cortes de verbas e a meta de reduzir em 38% o custo por aluno de graduação, prevista no "Relatório Plurianual 2008-2011 do MEC".

Em resposta, começam a pipocar lutas estudantis em defesa da qualidade no ensino. Na UnB, por exemplo, há uma mobilização em curso, depois que a universidade sofreu um vergonhoso alagamento, fruto da precariedade física de seus prédios. Após um ato unificado no MEC, o DCE daquela universidade e a Anel foram recebidos pelo ministério, que se comprometeu com uma verba emergencial para recompor os danos sofridos.

Também na UESPI, UESB e UFRN, os estudantes protagonizam manifestações em defesa da educação pública. Há, ainda, a belíssima greve dos terceirizados da USP, que conta com expressiva solidariedade estudantil (veja o box). A Anel tem procurado se ligar a todas essas lutas e assumir a tarefa de unificá-las em seu 1º Congresso, em junho.

> Escolas e universidades em diversos estados do país já elegeram seus delegados e delegadas, e outras tantas já têm suas eleições marcadas

O congresso da UNE, por sua vez, é incapaz de dar conta dessa missão. Além da ausência da velha entidade nas lutas em curso, a UNE centra esforços em uma campanha de fachada por mais verbas. Diz que quer 10% do PIB para a educação, mas finge que nem ouviu falar que Dilma cortou R$ 3 bilhões, enquanto prepara mais um congresso de saudação ao governo.

Assim, o 1º Congresso da Anel vive agora um momento decisivo. Escolas e universidades em diversos estados do país já elegeram seus delegados e delegadas, e outras tantas já têm suas eleições marcadas. É a hora em que a mobilização de uma ampla base, ao redor da luta contra os cortes e por 10% do PIB para educação, se materializa na escolha dos representantes dos estudantes no congresso.

A inspiração encontrada no papel da juventude nas revoluções árabes tem motivado a entidade a gastar suas energias na organização de um poderoso congresso, que unifique as lutas e dê fôlego aos sonhos dos estudantes brasileiros. ■

USP: viva a greve das trabalhadoras terceirizadas!

ALINE KLEIN, Comissão Executiva Estadual da Anel-SP

No último dia 8, os trabalhadores terceirizados (em sua grande maioria mulheres) da empresa Limpadora União, que presta serviços em várias unidades na Universidade de São Paulo, entraram em greve pelo pagamento imediato de seus salários e direitos trabalhistas atrasados. Uma paralisação inédita desse setor na USP.

O movimento enfrentou-se com a empresa, com o descaso da reitoria e com o sindicato atrelado à patronal que o representa legalmente, o Siemaco. Dias depois de uma incansável e bela luta, com a realização de piquetes e atos diários, o movimento conquistou, no dia 18, o pagamento dos salários atrasados. Agora a greve continua para garantir o pagamento dos direitos trabalhistas ligados à rescisão contratual, já que há outra empresa atuando na Universidade.

AS MULHERES INVISÍVEIS USAM O LIXO COMO MÉTODO DE LUTA

A luta dos trabalhadores terceirizados, apoiada pelo Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp, filiado à CSP Conlutas), polarizou politicamente a universidade e abriu os olhos da comunidade acadêmica em relação à enorme exploração e às péssimas condições de trabalho no interior da USP. Cotidianamente ignoradas, essas trabalhadoras tornaram visíveis condições de trabalho péssimas, com salários abaixo do mínimo.

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), unidade mais atingida pela greve, foi palco de grandes discussões por conta do lixo revirado nos prédios, e também de uma onda de solidariedade por parte dos estudantes. Desde o início de sua mobilização, as trabalhadoras terceirizadas tiveram como aliados os centros acadêmicos da FFLCH, colocando na pauta do movimento estudantil o debate sobre o papel das terceirizações no projeto de privatização da universidade pública.

Nós do PSTU defendemos, além do pagamento imediato de todos os direitos trabalhistas ainda não cumpridos, o fim de toda forma de terceirização na universidade e incorporação destes trabalhadores ao quadro de funcionários da USP, sem concurso público, para continuar o trabalho que já realizam diariamente.

A organização da greve das terceirizadas foi mais uma expressão da resistência aos ataques do reitor Grandino Rodas. Questionamentos mais profundos à gestão da reitoria e ao projeto de universidade do governo estão surgindo. Os estudantes, inspirados nas terceirizadas, precisam se preparar para as futuras mobilizações, combinando suas pautas específicas com a defesa intransigente de uma universidade pública, de qualidade, democrática e voltada aos interesses da classe trabalhadora. Nesse sentido, essa experiência de luta também deve se fazer refletir em uma grande delegação da USP ao 1º Congresso da Anel. ■

Em cem dias de governo, Dilma aprofunda ataques aos trabalhadores

DA REDAÇÃO

100 DIAS

Dilma Rousseff completou 100 dias à frente do governo no último dia 10. Eleita a partir da grande popularidade do ex-presidente Lula, Dilma fez uma campanha presidencial agressiva, com muitas promessas sobre "acabar com a miséria" e "olhar para os pobres".

Dilma tem o apoio da maioria dos trabalhadores e jovens do país. Esse apoio tem a ver com uma falsa consciência. Muitos trabalhadores encaram esse governo com "seu", a grande maioria ainda não o vê como seu inimigo. A base material da alta popularidade do governo é crescimento importante na economia dos últimos anos. Foi isso que permitiu, sob o mandato de Lula, as pequenas conquistas como emprego (mesmo precarizado), o Bolsa Família e os reajustes no salário mínimo. Além disso, o atrelamento dos sindicatos ao governo impediu o desenvolvimento das lutas e reforçou essa falsa consciência. Dilma é apoiada pelo PT, CUT, Força Sindical, MST e UNE.

No entanto, o conjunto das medidas adotadas pela presidente nestes pouco mais de três meses de mandato mostra que o governo não é um aliado dos trabalhadores. Além dos ataques promovidos, o governo está se enfrentando com as greves do funcionalismo público e da construção civil.

ARROCHO PARA OS TRABALHADORES

Já nos primeiros dias, Dilma e os parlamentares concederam um reajuste ridículo para o salário mínimo, aprovando a proposta de R$ 545. Pela primeira vez desde 1997, o salário mínimo não teve reajuste real. O valor estabelece apenas a inflação (INPC) do período, pouco mais de 6%, e está bem abaixo da inflação da cesta básica, que em São Paulo, por exemplo, alcançou 16%. Por outro lado, Dilma e os deputados reajustaram seus salários em 132% e 62%, respectivamente.

Em seguida, o novo governo promoveu o corte de R$ 50 bilhões do orçamento, um dos maiores da história recente. A medida atinge várias áreas sociais e prejudicará ainda mais a população pobre. Quase R$ 9 bilhões foram cortados da área de infraestrutura, mais de R$ 3 bilhões da educação, R$ 1 bilhão das verbas para a reforma agrária e quase R$ 1 bilhão da saúde. Mas qual é a justificativa para este corte? O governo diz que é para combater a inflação, mas a verdade é que o único objetivo é garantir a meta de superávit primário de 3,1% do PIB. Isso significa que o governo gasta menos do que arrecada para poder pagar a dívida pública aos banqueiros. Dilma está optando por cortar gastos com os programas sociais e os salários do funcionalismo para aumentar ainda mais os lucros dos banqueiros. Mas o funcionalismo já respondeu aos ataques, realizando três grandes manifestações (leia na página 12).

Em contrapartida, para manter a remuneração dos especuladores, Dilma autorizou o aumento da taxa de juros para os atuais 11,75% ao ano. Essa medida visa proporcionar maior remuneração aos banqueiros e financistas e vai aumentar a dívida pública.

CONTRARREFORMAS

Dilma também vai tentar aplicar as reformas neoliberais que Lula não conseguiu nos oito anos de seu mandato. Essas reformas retiram direitos dos trabalhadores e aumentam a exploração da classe operária. Neste momento, o governo discute nos bastidores a aprovação de uma nova reforma da Previdência Social, para aumentar a idade mínima para aposentadoria. Outra reforma, a trabalhista, pretende flexibilizar os direitos previstos em lei e fazer com que eles possam ser negociados com os patrões. Para aprovar essa reforma, Dilma tem a ajuda de centrais pelegas como a CUT e a Força Sindical.

No que diz respeito à política externa, o fato mais importante foi a recepção de Dilma ao presidente Barack Obama. Na visita foram assinados acordos entre os dois países. O mais importante refere-se à exploração do pré sal, que vai permitir às petroleiras estrangeiras explorar nosso petróleo. Além disso, o governo brasileiro manteve seu compromisso de liderar a vergonhosa ocupação militar no Haiti.

OPERÁRIOS VÃO À LUTA

Mas os 100 dias de governo Dilma também tiveram a marca do protesto e da revolta. As cenas de alojamentos em chamas tornaram-se símbolo da revolta do Jirau, complexo da hidrelétrica do Rio Madeira, em Rondônia. A imagem escancarou a superexploração e a humilhação sofridas pelos mais de 35 mil operários da construção civil, vindos, em sua grande maioria, do Norte e Nordeste. A resposta do governo veio com a ocupação da Força Nacional de Segurança do canteiro da obra.

Outras revoltas e greves explodiram, como em Suape, Pernambuco, na refinaria do Pacém (Ceará), nas obras e petroleiros da Unidade de Tratamento de Gás de Caraguatatuba da Petrobras, em São Paulo, entre outras. Ao todo, cerca de 80 mil operários da construção civil estiveram envolvidos em greves e revoltas.

Essa é a maior mobilização dos operários em muitos anos. Por trás da revolta se revela a superexploração dos trabalhadores, fruto do boom da construção civil. Segundo o Ministério do Trabalho, houve um aumento de 232% nos autos de infração registrados. Em 2006, último ano antes do lançamento do PAC, foram 5.005 irregularidades em relação à segurança e à saúde do trabalhador. Quatro anos depois, esse número chegou a 16.630.

As revoltas e greves têm relação direta com a enorme precarização do setor. Há um processo desenfreado de subcontratação e terceirização que provoca uma imensa superexploração e desamparo entre os trabalhadores. Esse mecanismo, porém, não é uma exclusividade dos operários que estão nos canteiros de obras do PAC.

Nestor Bezerra, coordenador geral do sindicato dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza, explica o funcionamento desse ciclo infernal. "O governo entrega a obra para uma empresa, essa empresa terceiriza. A terceirizada terceiriza novamente, a outra terceiriza mais uma vez. Assim os trabalhadores terceirizados ficam sendo massacrados com salários atrasados, com a negação de dar o vale-transporte, com o não pagamento da produção e por aí vai".

Os operários estão respondendo a essa situação com muita luta. A mais recente é a greve dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza, que começou em 18 de abril. Em assembleia, os operários recusaram o índice de reajuste oferecido pelos patrões, abaixo da inflação do último período. "Os trabalhadores não aceitam um índice destes sabendo que o setor cresceu e os empresários ganharam muito dinheiro", diz Nestor.

Como se diz nos piquetes de greve em Fortaleza, contra a exploração é preciso responder com um "tsunami de peão". ■

Contra a exploração, ‘tsunami de pe

GIAMBATISTA BRITO, de Fortaleza (CE)

Podemos afirmar sem medo de errar que Fortaleza é hoje uma das principais capitais da indústria da construção civil do Brasil. A forte tradição do turismo, somada ao crescimento industrial e aos investimentos federal e estadual por ocasião da Copa do Mundo de 2014 fizeram com que a categoria de trabalhadores da construção civil na grande Fortaleza chegasse a quase 35 mil operários.

Muitos trabalhadores e trabalhadoras vindos do interior e até de mesmo de outros estados se dividem entre obras privadas, da prefeitura de Fortaleza e dos governos estadual e federal. Ainda assim, a demanda por mão de obra segue alta, e a forma que os empresários do setor encontraram para atender as necessidades do setor é manter rebaixados os salários para que o trabalhador seja obrigado a esticar a jornada e complementar a renda da família.

O piso do profissional hoje é de R$ 800 e, para ultrapassar a barreira dos R$ 1 mil, via de regra o trabalhador se sujeita a metas de produção desumanas e uma quantidade sem fim de horas extras. Já para o servente e o semiprofissional, a situação é ainda pior, com pisos menores. Não bastasse a jornada para lá de puxada, a busca incessante por lucros dos empresários faz com que a terceirização se torne praticamente uma regra em todos os canteiros e, com ela, uma precarização sem fim das condições de trabalho.

“Já foi pior, os novos não sabem, mas foi graças à luta do nosso sindicato que a gente tem o que tem hoje”, conta Seu Antônio, 52 anos, pedreiro de longa data na categoria. “Agora, se deixar, a gente volta para o tempo da escravidão”, completa o operário, chamando a atenção para as intenções dos empresários de impor cada vez mais um ritmo de superexploração.

GREVE

Na quarta-feira, dia 13, uma assembleia com mais de 1.400 operários aprovou a greve, recusando o reajuste de 7,42% proposto pela patronal e o auxílio-alimentação mensal de R$ 25 que os empresários têm o descaramento de apresentar como uma “espécie de cesta básica”.

“Qual é o peão que vai estar satisfeito com uma cesta básica de R$ 25? Já viu R$ 25 dar de comer a alguém, meu irmão? E eu, um pai de família que tenho dois filhos, como é que vou dar de comer a eles com uma cesta dessa?”, desabafa Alcides, operário que trabalha em uma das obras do governo do estado, o Centro de Eventos. É exatamente esse sentimento de indignação de Alcides que levou a categoria a fazer uma campanha salarial das mais aguerridas dos últimos tempos e a iniciar na segunda-feira, dia 18, mais uma greve no setor.

A patronal, que durante toda a campanha salarial mostrou-se intransigente, deixa claro que nem com a greve na rua pretende negociar. “Isso aí é caso para a polícia”, dizia Roberto Sérgio, presidente do Sinduscon (sindicato patronal), já durante as mesas de negociação. “Isso é coisa da Conlutas e do PSTU. Eu vi o Zé Maria e o tal de Atnágoras lá na reunião com o ministro. Esse pessoal não quer ajudar não. As outras centrais ajudam mas ‘eles’ querem mesmo é a confusão. Que isso aconteça lá no Jirau é uma coisa, mas que não inventem de trazer isso para cá não”, falou o representante da patronal, ignorando que os verdadeiros responsáveis pelo “tsunami de peão” são os próprios empresários.

Quando encerrávamos esta edição, a greve já havia chegado ao terceiro dia. “Acabamos de sair de mais uma rodada de negociações, mas a patronal se mantém intransigente”, informa Atnágoras Lopes da CSP-Conlutas. A greve continua e conta com a disposição de luta da categoria e o apoio da militância da CSP-Conlutas e do PSTU.

“A luta aqui é justa”

GIAMBATISTA BRITO, de Fortaleza (CE)

Praça Portugal, Fortaleza, 10h da manhã de 18 de abril. Passeatas e ônibus fretados vindos dos mais diferentes canteiros de obra despejam operários da construção civil no coração de um dos bairros mais nobres da cidade.

A chuva agora fina, que acompanhou a paralisação desde cedo, em vez de atrapalhar, alivia o clima. Enquanto diretores do sindicato e trabalhadores se revezam no microfone, tiros são disparados para o alto pela Polícia Militar. Mas ninguém corre. O que se vê é um grupo de trabalhadores avançando para cima de uma viatura. O motivo? Um trabalhador havia sido detido por policiais ao reagir a uma provocação de um motorista que tentara atropelá-lo. Pedras voam até que o operário seja solto e, como se o time do coração tivesse marcado um golaço, um grito de guerra ecoa pela praça: “Ão, ão, ão, tsunami de peão”.

Rapidamente o batalhão de choque se organiza e, antes que avance, um trabalhador se aproxima do comandante e se apresenta. É Franklin, escrivão da PM e ex-servente de obra. Desde as 7h, Franklin esteve nos piquetes de greve e acompanhou a mobilização como se servente nunca tivesse deixado de ser. E, quando as coisas pareciam descambar para uma pancadaria, o escrivão se colocou ao lado do advogado do movimento para negociar com a polícia.

Esclarecido o episódio, a manifestação prosseguiu com a praça ocupada pelos trabalhadores. Quando conversamos com Franklin, ele nos contou sua história e disse o que estava fazendo lá: “Passei fome como operário da construção civil por muito tempo, já fiquei 39 dias sem ver um centavo no meu bolso, pegava dinheiro emprestado para ir trabalhar, ninguém acreditava que era o patrão que não queria me pagar. A luta aqui é justa e se tem algo de certo que alguém pode fazer é apoiar”.

www.pstu.org.br

Veja no Portal os vídeos da greve

eão'

Qual é o peão que vai estar satisfeito com uma cesta básica de R$ 25?

"O governo não quer punir, mas premiar as empreiteiras do PAC"

DA REDAÇÃO

Atnágoras Lopes é dirigente da construção civil de Belém (PA) e compõe a Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas. Também representa a central na comissão que reúne as centrais sindicais, o governo e as empreiteiras, composta após a onda de revoltas que se espalharam pelas obras da PAC. O Opinião conversou com Atnágoras logo após o término da reunião de negociação da greve dos trabalhadores da construção em Fortaleza (CE), que tem o seu acompanhamento. O dirigente falou sobre a relação entre esses movimentos e o que está por trás das greves.

OPINIÃO – COMO DIRIGENTE DA CONSTRUÇÃO CIVIL, COMO VOCÊ ANALISA A ONDA DE GREVES QUE ATINGIU OS CANTEIROS DO PAC E SE ESPALHA AGORA PARA VÁRIAS REGIÕES DO PAÍS?

Atnágoras Lopes - Parte da resposta para essa pergunta pode ser dada pela própria Organização Internacional do Trabalho, que divulgou recentemente um estudo sobre a recuperação econômica mundial. Nesse estudo, ela afirma que, no esforço para pôr fim à recessão da economia, as grandes potências conseguiram manter a produtividade do trabalho nos mesmos níveis observados antes da crise. Mas com uma constatação: o número de empregados caiu drasticamente. Mas bem drasticamente. Então, podemos ver que a recuperação econômica se dá através de um aumento no grau de exploração dos trabalhadores. Essa superexploração é o que explica as greves do PAC e do setor imobiliário em geral. Então, por exemplo, em Salvador tivemos 30 dias de greve, em São Luís do Maranhão foram 20 dias de paralisação. Essas mobilizações ocorrem porque a exploração é maior, os salários continuam baixos e as condições de trabalho são degradantes, a exemplo do que vimos nas obras da hidrelétrica em Jirau.

A COMISSÃO CONVOCADA PELO GOVERNO PARA TRATAR DA CRISE NO PAC FEZ SUA SEGUNDA REUNIÃO RECENTEMENTE. O QUE FOI DISCUTIDO?

Atnágoras - As mudanças na realidade forçaram o abandono da antiga pauta que seria discutida nessa segunda reunião. Que mudanças foram essas? Ficou-se sabendo da ameaça do desconto dos dias parados dos operários que fizeram greve em Suape e, principalmente, da possibilidade da demissão de seis mil trabalhadores em Jirau. Então, contra a vontade do governo, essa foi a discussão que dominou a reunião. O governo havia convocado a comissão para, segundo afirmava, estabelecer um marco regulatório na execução das obras do PAC, ou seja, das obras com dinheiro público. Mas agora se revela a verdadeira intenção do governo. Não só não querem punir as empreiteiras que impunham uma série de irregularidades aos trabalhadores, como falam agora em "premiar" de alguma forma as empresas que cumprirem a lei. Nós da CSP-Conlutas, ao contrário, defendemos que essas empresas sejam punidas, não premiadas. O pior agora é que o próprio governo assume que é "necessário" demitir trabalhadores, já que os canteiros em Jirau estariam "superlotados". E, diante disso, as outras centrais simplesmente se omitem. Não dizem nada sobre a ameaça de demissões. Nós repudiamos qualquer demissão e fazemos um chamado às outras centrais para que também se coloquem contra mais esse ataque, mas por enquanto estamos falando sozinhos.

E COMO SE RELACIONA ESSA ONDA DE LUTAS NAS OBRAS DO PAC E A GREVE DOS TRABALHADORES EM FORTALEZA QUE VOCÊ ESTÁ ACOMPANHANDO NESTE MOMENTO?

> O próprio governo assume que é 'necessário' demitir trabalhadores em Jirau. Diante disso, as outras centrais simplesmente se omitem. Nós repudiamos qualquer demissão

Atnágoras - Vemos aqui a mesma disposição de luta e indignação perante as condições de trabalho e os baixos salários. A greve que começou nesse dia 18 continua muito forte e enfrenta a intransigência da patronal. Acabamos de sair de mais uma rodada de negociação com os patrões, mas eles se mantêm intransigentes, apesar do grande crescimento do setor e dos lucros no último período. Então, tanto as revoltas no PAC e as greves da construção civil como um todo fazem parte de um mesmo processo. Com base nisso, estamos organizando para o próximo dia 27, quarta-feira, um grande dia nacional de luta em apoio aos operários do PAC e em solidariedade à greve aqui no Ceará. Vamos convidar todas as centrais, reunir os partidos, e impulsionar uma grande mobilização unitária.

QUAL O QUADRO DA GREVE DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM FORTALEZA?

Atnágoras - Aqui os trabalhadores se chocam com um operativo formado pela patronal com a contribuição da mídia local, que está tentando de todas as formas criminalizar o movimento. A imprensa só destaca as ações de infiltrados, rotulando os trabalhadores de "baderneiros". Essa ação coordenada entre patrões e imprensa ficou ainda mais claro hoje (dia 20), quando o Sinduscon, o sindicato patronal, entrou na Justiça pedindo a abusividade da greve, com base na cobertura distorcida da imprensa. Mas apesar disso nas ruas o que vemos é um grande apoio da população. Quando passamos em passeata muitos aplaudem, jogam papel picado das janelas dos prédios.

E QUAIS SÃO OS PRÓXIMOS PASSOS DESSA GREVE?

Atnágoras - Fizemos uma assembleia que reuniu algo como dois mil companheiros, que decidiu pelo fortalecimento da greve e a sua ampliação para toda a área metropolitana de Fortaleza. Assim, os próximos passos são: ampliar e fortalecer a greve e realizar um grande ato unitário para cercar de solidariedade os operários do PAC e a greve de Fortaleza.

Dilma lança medidas neoliberais; servidores públicos vão à luta!

VALTER CAMPANATO/ABR

PAULO BARELA, da CSP-Conlutas

Depois de muitas promessas na campanha eleitoral, Dilma Rousseff já mostrou a que veio. Depois de eleita, a presidente anunciou que seu governo será marcado pela austeridade e pelo controle profundo dos gastos públicos. Já nos primeiros dias, determinou o corte de R$ 50 bilhões no orçamento de 2011 e suspendeu os editais para concursos públicos e a nomeação de novos concursados.

O corte no orçamento atinge várias áreas sociais e prejudicará sobretudo os mais pobres. De olho na crise que atingiu profundamente as economias da Europa, o governo do PT aplica as mesmas políticas de ajuste fiscal de seus colegas do velho continente. Os primeiros a sofrerem com as medidas são os servidores públicos. Um dos argumentos mais utilizados pela imprensa burguesa é o de que os governos gastam muito com pessoal e isso aumenta o déficit público. A verdade, porém, é outra.

MENTIRA E VERDADES

O governo mente quando diz que os servidores ganham muito. Por isso, tem que aprovar o PLP-549/09, que congela os salários dos servidores públicos por dez anos, e aplicar o PLP-248/98, que cria avaliação de desempenho para demitir.

A verdade é que os servidores amargaram uma década de congelamento salarial durante o governo FHC. Com uma política de divisão no movimento do funcionalismo federal, Lula fez, de fato, concessões representadas por gratificações produtivistas e adicionais de titulação (que não se incorporam integralmente na aposentadoria).

Porém, a média dos gastos com pessoal em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) entre um governo e outro apresenta o seguinte resultado: FHC (1995-2002), 5% do PIB; Lula (2003-2009), 4% do PIB. Ocorre que o aumento da arrecadação nos dois mandatos de Lula foram canalizados para o pagamento da dívida pública. No governo tucano, foram direcionados 6% destes recursos para a dívida pública. Com Lula, foram 9%.

Ou seja, FHC congelou os salários, mas Lula não canalizou o aumento da arrecadação para a valorização do funcionalismo, nem recuperou as perdas históricas do setor. Apenas aprofundou a remuneração de banqueiros e agiotas do sistema financeiro.

VALTER CAMPANATO/ABR

13 DE ABRIL. Ato em Brasília dos servidores públicos federais

16 DE FEVEREIRO

Outra verdade diz respeito à precariedade dos serviços públicos no país. De acordo com dados da OECD e Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara Federal, enquanto o Brasil tem uma relação de 5,5% de servidores públicos para toda a população, em países como EUA, França, Noruega, Suécia, Itália e outros, essa razão varia entre 10% e 17%. Ou seja, Dilma quer retomar a política de estado mínimo de Bresser Pereira, reduzindo os trabalhadores do setor público e precarizando ainda mais os serviços publicos.

DÍVIDA PÚBLICA X GASTOS DE PESSOAL

A falácia do governo Dilma sobre o corte nos gastos com o serviço público para equilibrar a economia não resiste aos próprios dados oficiais. Por exemplo, no orçamento geral da União de 2009, enquanto os gastos com pessoal e encargos sociais atingiram R$ 165 bilhões, o pagamento dos juros e a amortização da dívida pública chegaram a incríveis R$ 380 bilhões. Mais do que o dobro!

Pior. Na execução orçamentária deste ano, os gastos com pessoal até o momento chegaram a R$ 45,7 bilhões, porém, os gastos com juros e amortização das dívidas já atingiram R$ 162,1 bilhões.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Sempre buscando manter os interesses da grande burguesia e, principalmente, dos banqueiros, o governo Dilma propõe uma alteração na Previdência Social, via reforma tributária, reduzindo a alíquota da contribuição patronal de 20% para 14%. Ao mesmo tempo, mantém o famigerado fator previdenciário e a alta programada.

No serviço público, tenta aprovar o PL-1992/07, que cria a previdência privada e os fundos de pensão. Essa modalidade significa a privatização da previdência e estabelece uma relação totalmente desigual para o contribuinte, ou seja, ele sabe quanto vai pagar (contribuição definida), mas não tem nem ideia de quanto vai receber (benefício não definido), porque a financeira vai aplicar o valor das contribuições nas bolsas de valores. Se o investimento for mal calculado ou uma crise se abater, o contribuinte pode simplesmente ficar sem aposentadoria.

Todas as medidas tentam colocar a conta da crise nas costas dos servidores públicos e dos trabalhadores em geral. Nem uma medida de contenção da sangria da dívida pública, ou contra o aumento da inflação e a ganância de empresários, será tomada. Este é o governo Dilma: aos ricos e poderosos tudo; aos trabalhadores, o arrocho salarial, as demissões e um futuro de miséria.

Vamos à luta!

No serviço público federal, uma grande unidade envolvendo 26 entidades nacionais já realizou duas grandes manifestações em Brasília, nos dias 16 de fevereiro e 13 de abril, reunindo aproximadamente 20 mil pessoas, contra os ataques do governo. No dia 28 de abril, os trabalhadores do setor público e da iniciativa privada, com o movimento popular e a juventude estudantil, foram às ruas em todos os estados para protestar contra as políticas neoliberais do governo petista. O calendário de mobilização, no entanto, não para por aí. Os servidores federais discutem a construção de uma greve geral unificada no setor para responder os ataques.

A CSP-Conlutas está à frente dessas mobilizações e exige do governo outro programa para enfrentar uma possível retomada da crise. Um programa que rompa com o imperialismo e suspenda o pagamento das dívidas interna e externa para investir esse dinheiro em saúde, educação, habitação, valorização do servidor público e serviços públicos gratuitos e de qualidade.

Exigimos a retirada de todos os projetos que prejudiquem os servidores públicos e os trabalhadores em geral. Não à reforma da Previdência Social, contra os fundos de pensão que privatizam o sistema previdenciário. Nenhuma demissão e nenhum congelamento salarial, pelo cumprimento dos acordos firmados com as entidades dos servidores públicos. Paridade e isonomia salarial entre ativos, aposentados e pensionistas. ■

Acidentes de trabalho: uma luta contra os patrões

28 de abril foi Dia Mundial em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho. É preciso a responsabilização civil e criminal das empresas que mutilam e matam seus trabalhadores

LUÍS CARLOS PRATES, o "Mancha" de SJC

Em todo o mundo, milhões de trabalhadores se acidentam e centenas de milhares morrem no exercício do trabalho a cada ano. Segundo estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ocorrem anualmente no mundo cerca de 270 milhões de acidentes de trabalho, além de aproximadamente 160 milhões de casos de doenças ocupacionais. Dos trabalhadores mortos, 22 mil são crianças, vítimas do trabalho infantil. Ainda segundo a OIT, todos os dias morrem, em média, cinco mil trabalhadores devido a acidentes ou doenças relacionadas ao trabalho.

No Brasil, os números também são alarmantes. O Anuário Estatístico da Previdência Social de 2004 registrou 465.700 acidentes de trabalho no país. De lá para cá, o número só vem crescendo. Foram 499.680 acidentes em 2005; 503.890 em 2006; 659.523 casos em 2007; 755.980 em 2008; e em 2009 (última publicação), foram registrados 723.452 casos.

No país, por ano, são registradas cerca de 3 mil mortes por acidente de trabalho, o que corresponde a uma morte a cada três horas.

Saiba mais

História da data

A data em memória às vítimas de acidentes de trabalho, 28 de abril, surgiu no Canadá por iniciativa do movimento sindical, espalhando-se por diversos países, por meio de sindicatos, federações, confederações locais e internacionais.

O dia foi escolhido em razão de um acidente que matou 78 trabalhadores em uma mina no estado da Virgínia, nos Estados Unidos, no ano de 1969. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), desde 2003, consagra este dia à reflexão sobre a segurança e saúde no trabalho. No Brasil, a data foi instituída como o Dia Nacional em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho em maio de 2005, pela Lei nº 11.121.

MUTILAÇÃO DIÁRIA

Os números assustam, mas a situação é ainda mais grave. Isso porque os dados são subnotificados pelas empresas, que escondem acidentes e casos de doenças ocupacionais para não pagar impostos.

Dentro das fábricas e nas obras, o ritmo alucinante de trabalho mutila diariamente os trabalhadores. A precarização e a terceirização agravam ainda mais a exploração e fazem crescer as doenças ocupacionais. Entre estas doenças, as mais comuns são LER/DORT(Lesões por Esforço Repetitivo e Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho).

Nas obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) do governo Dilma, os trabalhadores estão submetidos a situações humilhantes e de semiescravidão, o que levou às revoltas em Jirau, Santo Antônio e outras. Apenas nas obras do PAC já foram 48 mortes em acidentes de trabalho.

O GOVERNO DILMA, A SAÚDE E A SEGURANÇA DOS TRABALHADORES

As empresas não investem em prevenção. Para elas, prevenir é aumentar os seus custos. Por outro lado, o governo do PT continuou o desmonte feito na área da saúde e segurança do Ministério do Trabalho iniciado no governo FHC. O governo não dá atenção à saúde dos trabalhadores, e os acidentes continuam crescendo. Os cortes de R$ 50 bilhões no orçamento da União vão precarizar ainda mais estas áreas. Faltam fiscais e condições de trabalho.

O INSS é uma tortura para o trabalhador que se acidenta. Muitas vezes, com a alta programada, ele tem que retornar ao trabalho sem condições físicas ou psicológicas, e a empresa não aceita seu retorno. Fica sendo jogado de um lado para outro e, muitas vezes, não recebe o salário por meses, pois a empresa e o INSS se recusam a pagá-lo.

Somente a mobilização dos trabalhadores é capaz de reverter essa situação. O trabalho é um meio de vida, não um meio de morte. A sede de lucro dos capitalistas está levando a classe trabalhadora à destruição. É uma verdadeira guerra contra os trabalhadores. É preciso exigir investimentos em prevenção nas empresas. Exigir do governo Dilma o fim dos cortes no orçamento e sua aplicação na saúde e segurança dos trabalhadores. Exigir o fim da alta programada. Os trabalhadores também têm o direito de se recusar a realizar um serviço que atente contra sua integridade física.

Devemos exigir a responsabilização civil e criminal das empresas que mutilam e matam seus trabalhadores. É importante a organização no local de trabalho através das comissões de fábrica, Cipas, delegados sindicais e grupos de fábrica para que os trabalhadores organizados possam caminhar no sentido do controlar a produção e diminuir o ritmo de trabalho para garantir a saúde e sua segurança. Portanto, 28 de abril é dia de luta!. ■

Companheiro Martinho, Presente!

Martinho era ativista do Sindicato dos Metroviários de BH e antigo militante do PSTU. Iniciou sua militância na CS (Convergência Socialista) em 1978 combatendo o regime militar. Em novembro do ano passado foi vítima de um acidente de trabalho e faleceu. Era maquinista e ao final de sua jornada de trabalho foi atropelado por uma locomotiva. Sua morte causou uma enorme comoção e manifestações de solidariedade. A maneira dos socialistas homenagearem Martinho é continuar sua luta contra a exploração capitalista, relembrar nossos mortos e seguir a luta pela vida e pelo socialismo. ■

"INCÊNDIO NA USINA".
Quadro de Mario Carreño, pintor cubano

DECLARAÇÃO DA LIT

Solidariedade aos trabalhadores e ao povo cubano

Diante dos salários de 18 dólares mensais, as demissões em massa, o desmonte da saúde e da educação e o perigo de uma brutal repressão

LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

Os trabalhadores, a juventude e o povo cubano – que protagonizaram a primeira e única revolução socialista vitoriosa na América – vivem hoje uma situação desesperadora. Eles passam fome porque não conseguem sobreviver com um salário de 18 dólares mensais. E essa situação tende a se agravar de forma qualitativa, pois o governo anunciou, para os próximos meses, novos ataques ao seu nível de vida, entre eles a demissão de um milhão e trezentos mil trabalhadores estatais.

Uma parte dos trabalhadores cubanos consegue sobreviver à custa de algum familiar que lhe envia dinheiro do exterior. Mas a maioria não tem essa ajuda. Por isso, são obrigados a se humilhar diante dos turistas (dois milhões e meio em 2010), a assediá-los pedindo gorjetas por qualquer tipo de serviço (real ou inventado), a vender os famosos charutos cubanos roubados, a pedir um sabão, um xampu ou uma simples bala, ao mesmo tempo em que crescem, de forma impressionante, dois flagelos que tinham desaparecido com a revolução: a mendicância e a prostituição.

Até agora, diferentemente do que ocorreu nos países do Leste Europeu, quando os partidos comunistas restauraram o capitalismo, em Cuba não houve grandes mobilizações contra o governo. O prestígio da direção cubana, por haver estado, no passado, à frente da revolução contra o capitalismo e o imperialismo, foi um importante freio à ação das massas contra o governo e contra o Partido Comunista. Mas a paciência dos cubanos parece estar chegando ao fim. Atualmente, o descontentamento com a situação e com o governo dos irmãos Castro é generalizado e não está descartado que, a curto ou médio prazo, aconteça em Cuba uma explosão similar à que ocorreu nos países do Leste Europeu no fim da década de 1980, ou às que estamos presenciando agora nos países árabes.

O governo e o Partido Comunista Cubano sabem desse perigo, por isso não permitem que chegue, por meio da televisão ou da rádio (ambas controladas pelo governo), qualquer tipo de informação sobre o que as massas estão fazendo nos países árabes. Além disso, é necessário lembrar que o povo cubano não tem acesso à internet e que em Cuba não existem jornais nem revistas (a não ser os do Partido Comunista).

No entanto, diante de tanta exploração e humilhação, é muito difícil que a censura do governo para impedir que os cubanos saibam o que está ocorrendo no resto do mundo tenha sucesso. De uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, os trabalhadores cubanos vão se rebelar contra essa situação e, quando isso acontecer, uma nova e grande ameaça vai se colocar sobre suas cabeças: a repressão.

DIZER A VERDADE, POR MAIS DURA QUE SEJA

Há milhares de trabalhadores, camponeses e estudantes que consideram Cuba e a sua direção, em especial Fidel Castro, como uma referência para todos aqueles que lutam pelo socialismo. Também são muitos os críticos à direção cubana, mas que consideram que em Cuba, ao contrário do que ocorreu nos outros ex-Estados operários (URSS, China e Leste Europeu), o capitalismo não foi restaurado.

Para esses milhares de companheiros, chegar à conclusão de que o capitalismo foi restaurado em Cuba seria uma grande desmoralização. Mas temos a obrigação de dizer a verdade para os trabalhadores, camponeses, estudantes e intelectuais de todo o mundo, por mais dura que ela seja. Porque só a verdade é revolucionária, e há duas grandes verdades que explicam o drama vivido pelos trabalhadores e pelo povo cubano: a primeira é que a fome, o desemprego, os salários miseráveis, os mendigos e as prostitutas não são mais que as consequências de algo que já aconteceu na nossa querida Cuba: a volta do capitalismo. E a segunda verdade, que não pode continuar sendo ocultada, é que o odiado capitalismo não foi restaurado nem pelos gusanos (1), nem por uma invasão ianque. Em Cuba, assim como na ex-URSS ou na China, o capitalismo foi restaurado, em nome do socialismo, pelo governo e pela direção do Partido Comunista.

Em 1959, as forças guerrilheiras, comandadas por Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Che Guevara, derrotaram as forças do ditador Batista. Pouco tempo depois, a Revolução Cubana enfrentou todos os capitalistas, nacionais e estrangeiros, e pôs os seus recursos econômicos a serviço do desenvolvimento do país. Para isso, foram tomadas três importantes medidas no terreno econômico: a expropriação e nacionalização de todos os meios de produção (fábricas, terras, comércio, bancos etc.), o monopólio do comércio exterior e a planificação centralizada da economia. Foi com base nessas medidas que os trabalhadores conseguiram uma série de conquistas, a maioria das quais não existia nem existe em outros países do continente (nem sequer nos EUA): o pleno emprego, moradia para todos, saúde pública gratuita e de alta qualidade (também para todos), o fim do analfabetismo, o fim da prostituição, altos índices de escolaridade (até hoje, 50% dos trabalhadores cubanos completam 12 anos de estudos) e, finalmente, os cubanos conquistaram o orgulho de ser um povo que foi capaz de mostrar, para os trabalhadores de todo o continente, que é possível enfrentar e derrotar o capitalismo e o imperialismo.

No entanto, essas três medidas foram eliminadas no início dos anos 1990 pelo governo e pela direção do Partido Comunista, a tal ponto que a própria Constituição foi alterada para permitir a propriedade privada dos meios de produção. Assim, os "direitos" do capital,

que tinham sido eliminados com a revolução, foram restabelecidos, e com a volta do capitalismo, as velhas mazelas do período do governo Batista voltaram.

Os defensores do governo cubano dizem que o capitalismo não foi restaurado, que foi permitido simplesmente a atuação de empresas estrangeiras no país, mas respeitando as leis cubanas e que, além disso, a maioria das empresas é do Estado, que continua sendo "socialista".

É verdade que as empresas estrangeiras são obrigadas a respeitar as leis cubanas, mas também é verdade que novas leis foram aprovadas, entre elas a Lei de Investimentos Estrangeiros, para possibilitar que as multinacionais tenham muito mais direitos do que teriam em qualquer outro país do mundo. Por outro lado, as empresas que existem no país, sejam estatais, mistas ou de capital cubano ou estrangeiro, não trabalham para uma economia socialista (para um plano econômico central), mas para o mercado nacional e internacional. Também é necessário esclarecer que os cubanos que trabalham nas empresas internacionais não têm a proteção do Estado "socialista" cubano. Ao contrário, o trabalhador cubano não recebe o mesmo salário que essas empresas pagam em outras partes do mundo. Os cubanos só ganham os seus miseráveis 18 dólares mensais, sendo que a maioria dessas empresas é de propriedade mista (associadas com o Estado) Qual é, portanto, o papel do Estado cubano? Não só garantir os direitos do capital internacional para explorar cruelmente os trabalhadores cubanos, mas também ser sócio nessa exploração, que é qualitativamente superior àquela imposta na maioria dos países da América Latina e do mundo.

O CHARUTO é o terceiro produto de exportação da ilha, atrás somente da cana de açúcar e do café. Habanos é a maior empresa de charutos do mundo e já foi uma estatal cubana. São 220.000 trabalhadores ao todo. Hoje é controlada em boa parte pela empresa franco-espanhola Altadis

CUBA, O PAÍS DAS DESIGUALDADES

Os cubanos vivem no pior dos mundos. Trabalham, assim como os seus irmãos dos outros países, para uma economia de mercado, mas, em função dos seus salários, praticamente não têm acesso a esse mercado.

Talvez a cena mais triste para quem visita a Ilha seja ver as belas crianças cubanas sem brinquedos. Não com poucos brinquedos. Sem brinquedos. É que os brinquedos são proibidos. São artigos demasiado supérfluos para um pai ou uma mãe que ganham 18 dólares mensais.

Os salários dos trabalhadores cubanos, comparados com os dos trabalhadores do resto do mundo, sempre foram baixos, mas, como produto das medidas econômicas tomadas depois da revolução, o salário social era muito alto. O povo gastava muito pouco com a alimentação porque os trabalhadores comiam gratuitamente nas empresas e as crianças nas escolas, e os produtos básicos para a alimentação (e também para a limpeza) eram entregues pelo governo, a preços simbólicos, por meio da caderneta de abastecimento.

Hoje a realidade é oposta. Com a restauração da economia de mercado, os salários são mais baixos que antes e uma grande parte do salário social já desapareceu ou tende a desaparecer. Na maioria das empresas os refeitórios foram fechados, os novos planos do governo pretendem acabar com o período integral nas escolas e, finalmente, a maioria dos produtos que faziam parte da caderneta de abastecimento foi eliminada, ao mesmo tempo em que se anuncia o fim da própria caderneta.

Como produto da revolução, foi feita uma profunda reforma urbana que garantiu moradia a baixo custo para todos os cubanos. A partir daí, era responsabilidade do governo cuidar da manutenção das fachadas e responsabilidade dos moradores garantirem a manutenção da parte interna. No entanto, há pelo menos duas décadas, nem o governo garante a manutenção das fachadas e nem os moradores dos bairros operários e populares, com os seus 18 dólares de salário, têm condições para garantir a manutenção interna. O resultado são bairros inteiros onde as casas estão cheias de vidros quebrados, goteiras, infiltração de água, paredes e andares semidestruídos, instalações elétricas expostas e em péssimas condições, buracos no lugar onde algum dia houve uma porta ou uma janela, inclusive casas mais antigas, que são demolidas pela falta de manutenção.

Mas nem tudo é miséria em Cuba. Existem bairros cheios de antigas mansões, muito bem conservadas, onde vivem os novos burgueses, os burocratas do governo e os representantes das empresas estrangeiras. Também existem vilas militares com casas muito boas, tão bem conservadas que, apesar de antigas, parecem que foram recém construídas.

A partir da revolução, Cuba transformou-se no país mais igualitário da América, mas hoje é exatamente o contrário. A desigualdade social é tão chocante que cria uma mistura de surpresa, indignação e até mal-estar nos revolucionários que visitam a ilha. É triste escutar da boca de muitas pessoas desse admirado povo cubano, culto, alegre e musical, frases tão chocantes como estas: "Quando nos vestimos não comemos, e quando comemos não nos vestimos". Ou ainda: "nós, cubanos, dizemos que somos como os palhaços: rimos por fora e choramos por dentro."

A "DEMOCRACIA" EM CUBA

Os defensores do governo cubano, de fora de Cuba, dizem que nesse país há democracia. Afirmam que é verdade que não há democracia para os gusanos, mas que há democracia para os trabalhadores e para o povo.

Em Cuba ninguém diz isso porque se arriscaria, no melhor dos casos, a receber como resposta uma sonora gargalhada. Quem diz que em Cuba há democracia para os trabalhadores tem que dizer: que organismo dos trabalhadores votou o salário de 18 dólares? Que organismo votou que um milhão e trezentos mil trabalhadores tinham que ser demitidos?

Mas sobre esse tema da democracia operária também é necessário dizer a verdade, por mais dura que ela seja. E a verdade é que nunca houve democracia para os trabalhadores e o povo cubano, nem mesmo na "época dourada" da revolução, quando estavam expropriando os capitalistas e o imperialismo, e isso explica muito do que está acontecendo atualmente.

O que existia e existe em Cuba é um regime idêntico ao que existia na ex-URSS e ao que existe na China: um regime baseado em um partido único, o Partido Comunista, apoiado nas Forças Armadas. Mas, na realidade, seria errado afirmar que o Partido Comunista dirigia ou dirige Cuba. Quem está à frente do Estado cubano é um pequeno grupo em torno de Fidel e de Raúl Castro, porque, para que o Partido Comunista pudesse dirigir, deveria ter algum tipo de democracia interna, e isso não existe. O PC Cubano praticamente não realiza congressos. Agora, em abril, vão realizar um após 16 anos, mas, na verdade, esse "Congresso" será uma reunião de burocratas, pois os delegados, segundo informa o Granma, serão eleitos por uma plenária de secretários-gerais.

A restauração do capitalismo na ilha, combinada com a total falta de democracia, teve como resultado a existência de uma ditadura muito similar às piores e mais sanguinárias ditaduras do mundo. Na realidade, em alguns aspectos é uma ditadura muito pior que aquelas. Por exemplo, durante a ditadura de Mubarak, no Egito, havia alguns partidos legais de oposição, havia vários jornais submetidos à censura, mas havia. Havia pleno acesso à Internet e havia alguns poucos sindicatos independentes. Tudo isso é impensável em Cuba.

Seria possível argumentar, contra o que dizemos, que naquelas ditaduras, de Mubarak no Egito, Pinochet no Chile ou de Videla na Argentina, havia milhares de presos políticos, de sequestrados, torturados e assassinados, e que isso não existe em Cuba. É verdade. Mas o que vai acontecer em Cuba quando surgirem greves, mobilizações, grupos guerrilheiros e confrontos com a polícia, como ocorreu naqueles países? Vai se retirar do poder? Ou vai reprimir violentamente as ações das massas quando questionarem seus privilégios?

Continua na página seguinte

Não havia outro caminho para Cuba?

Não é verdade que Cuba não tinha ou não tem outra alternativa a não ser cair nos braços do capitalismo mundial. Se os impressionantes recursos gerados pela indústria turística, pela produção e reservas de níquel, pela produção de açúcar, café e tabaco estivessem novamente nas mãos do Estado, e se este voltasse a funcionar com base em uma economia planificada, seria suficiente, no mínimo, para que os cubanos tivessem acesso aos alimentos e aos medicamentos.

Claro que, por mais que expropriasse a nova burguesia nacional e as empresas imperialistas, seria impossível para Cuba, de forma isolada, superar os países capitalistas da região e muito menos as grandes potências imperialistas. Mas por que Cuba teria que continuar isolada? Explodiram dezenas de revoluções em todo o mundo contra o capitalismo. O que aconteceria se a direção cubana apoiasse essas revoluções para que triunfassem? Cuba não ficaria isolada. Por exemplo, na Líbia, as massas estão levando a cabo uma revolução armada contra o ditador Kadafi muito similar à que os cubanos fizeram contra o ditador Batista no fim da década de 1950. O que aconteceria se a direção cubana apoiasse essa revolução? As possibilidades de vitória seriam muito superiores e, dessa forma, Cuba ficaria cada vez menos isolada. Mas, lamentavelmente, já faz muitos anos que a direção cubana não quer "novas Cubas", por isso foi contra a expropriação da burguesia na Nicarágua e em El Salvador, e agora é contra a expropriação dos fabulosos bens do Coronel Kadafi. Pior ainda, está a favor do genocida.

Não é verdade que Cuba não tinha outro caminho a não ser abraçar o capitalismo. Quem não tinha outro caminho é a direção cubana por não ter defendido, há várias décadas, o caminho da revolução internacional e, sim, o da coexistência com o capitalismo.

CERCAR OS TRABALHADORES E O POVO CUBANO DE SOLIDARIEDADE

Chamamos os operários, os camponeses, os estudantes e os intelectuais, da América Latina e do mundo, a ser solidários com um povo cubano que está passando fome, suportando uma brutal ditadura, e que está sendo ameaçado de ser massacrado quando começar a se levantar contra os seus exploradores e opressores.

FUGA de cubanos para os EUA

Essa solidariedade deve começar por conhecer e divulgar o que realmente acontece em Cuba. Isso será uma barreira importante para evitar que os futuros lutadores cubanos sejam acusados de agentes da CIA e, com esse pretexto, sejam feridos, presos ou fuzilados, como está fazendo Kadafi, o amigo dos irmãos Castro.

Estendemos este chamado ao conjunto das direções das organizações de esquerda, inclusive àquelas que são defensoras do atual regime. Fazemos isso porque acreditamos que essas organizações, que estão sendo cúmplices da brutal exploração imposta aos trabalhadores cubanos, ainda não mancharam suas mãos com o sangue desses trabalhadores.

Chamamos, em especial, os milhares de ativistas honestos que em toda a parte do mundo, sem conhecer bem a realidade cubana, acreditam que Cuba é o bastião do socialismo.

Pode ser que não confiem no que dizemos, porque, embora sempre estivemos do lado da revolução cubana, nunca defendemos o regime dos irmãos Castro. Por isso, insistimos em que se informem pelos seus próprios meios e que, se for possível, viajem a Cuba para ver como vivem e o que pensam os trabalhadores e o povo cubano, para assim verificar se o que estamos dizendo nesta declaração corresponde à verdade ou não.

O REGIME CUBANO ESTÁ MANCHANDO AS GLORIOSAS BANDEIRAS DO SOCIALISMO

Talvez o mais nefasto de tudo o que acontece em Cuba é o fato de que o governo justifica todo o seu projeto contrarrevolucionário (restauração do capitalismo por meio de uma brutal ditadura) em nome do socialismo. Isso provoca estragos na consciência das massas, em primeiro lugar das próprias massas cubanas.

Em Cuba, resta muito pouco, ou quase nada, da revolução. A revolução agora só pode ser encontrada nos museus, e os seus símbolos – os retratos de Che, de Fidel e de Camilo Cienfuegos – transformaram-se em suvenires, mas só para os turistas, porque, por mais que se procure, é praticamente impossível encontrar um jovem cubano com uma camiseta com o retrato de Che Guevara, com uma bandeira cubana e menos ainda com o retrato de Fidel.

Mas, além disso, a nefasta política do governo e do Partido Comunista faz com que muitos se afastem não só do governo, mas também do socialismo, porque é inevitável que, lamentavelmente, muitos pensem: "se isto é o socialismo, eu não sou socialista," ou, pior ainda, que digam: "se isto é socialismo, sou a favor do capitalismo".

No entanto, não temos o direito de ser pessimistas. As revoluções que derrubaram as ditaduras dos partidos comunistas do Leste Europeu, as mobilizações de massas da Europa e a revolução árabe não nos dão esse direito. Nem mesmo em Cuba, porque, embora seja verdade que a Revolução de 1959 só possa ser encontrada nos museus, também é verdade que está se gestando uma nova e poderosa revolução, contra o atual regime ditatorial e restauracionista. Por enquanto, ela se expressa em descontentamento contra a ditadura, mas não vai demorar muito tempo para que esse descontentamento, que já está se transformando em ódio em muitos setores, se transforme em ação. E, quando isso acontecer, se entenderá por que os cubanos têm tanto orgulho de seu povo e do seu país, apesar das humilhações diárias a que são submetidos. ■

Comitê Executivo Internacional da LIT-QI (Liga Internacional dos Trabalhadores – IV Internacional)

CAMILO CIENFUEGOS E CHE GUEVARA. Figuras escondidas nos museus, à venda para os turistas e para os cubanos, cada vez mais apagadas, pois são associadas à ditadura castrista

PINAR DEL RIO. Região ocidental da ilha com grandes planícies usadas para o plantio do tabaco

Abaixo-assinado exige arquivamento dos processos

DA REDAÇÃO

A prisão de 13 manifestantes no Rio de Janeiro durante a visita de Barack Obama foi uma arbitrariedade típica das que se via na época da ditadura. Nenhum dos 13 companheiros esteve envolvido no episódio do coquetel molotov. Não houve flagrante e sim uma armação da polícia para satisfazer Obama a mando do governo, o que tornou claro o caráter político da prisão.

Na verdade, as prisões revelam o crescente processo de criminalização dos movimentos sociais. Permitir que os ativistas sejam processados abre um grave precedente que pode significar a volta de práticas violentas e antidemocráticas.

Por isso, um abaixo-assinado está sendo apresentado em várias assembleias, sindicatos e entidades dos movimentos sociais exigindo o imediato arquivamento do processo. A receptividade ao documento é grande. Em uma assembleia do Sindicato dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ), aproximadamente 300 pessoas assinaram o abaixo-assinado. Muitos fizeram fila para assinar o documento, que também tem percorrido os piquetes dos operários grevistas da construção civil em Fortaleza.

A iniciativa partiu das entidades da sociedade civil e dos demais signatários que estiveram reunidos no ato contra a prisão dos 13 ativistas realizado na Faculdade Nacional de Direito da UFRJ, em 31 de março. Assine você também.

www.pstu.org.br

Entre no portal e assine o abaixo-assinado e confira mais sobre a campanha

Jornal em defesa dos ativistas e operários da construção civil com faixa contra a criminalização dos movimentos sociais

PSTU lança jornal especial no Rio

Com o tema "Lutar não é crime! Lutar é um direito!", publicação será o principal material da campanha pelo arquivamento dos processos

DA REDAÇÃO

Estão sendo distribuídos 30 mil jornais especiais do PSTU em todo o estado do Rio de Janeiro. O título "Em defesa dos presos do consulado" revela o tema central do folheto: a perseguição política aos ativistas que se manifestaram contra a visita de Obama. A distribuição é gratuita, mas será pedida uma contribuição voluntária para sustentar o jornal e a campanha.

O jornal faz uma análise do que aconteceu desde os objetivos da visita do presidente norte-americano ao Brasil até os processos que estão abertos até hoje contra os ativistas. "O objetivo da visita foi se revelando e, aos poucos, grande parte da população percebeu que era mesmo se apoderar e garantir o nosso petróleo, principalmente o que virá com a camada do pré sal. O governador Sérgio Cabral e a presidente Dilma deveriam defender os nossos interesses, diante da tentativa dos EUA de retirar nossas riquezas", diz o texto de capa.

O material também conta a história da manifestação que culminou com as prisões: a preparação, a colagem de cartazes, a contratação do avião com faixa e o ato em si. O jornal apresenta ainda quem são os 13 presos e desmonta a versão policial.

O mais importante, porém, é a continuidade da campanha. A luta, agora, é pelo arquivamento dos processos. Os 13 ativistas podem ser condenados, enquadrados na Lei de Segurança Nacional. O abaixo-assinado é peça fundamental da campanha. Outra iniciativa será um site, também apresentado no jornal.

OUTRAS TRAGÉDIAS

O jornal foi editado no momento em que o país inteiro está comovido com o massacre de Realengo. Por isso, este é um tema que não poderia passar em branco. Na matéria "Poderia ter sido com nossos filhos", o professor da rede estadual fluminense Miguel Malheiros diz que "as crianças são vítimas do assassino, mas também de um sistema econômico que desumaniza pessoas e provoca a barbárie".

A dengue também foi lembrada. Infelizmente, a epidemia já é parte do cotidiano da população pobre do Rio: "A população pobre é a principal vítima da doença, pois não tem moradia digna, saneamento básico e é refém da crise da saúde pública".

Dirigentes do PSTU são recebidos no Planalto e exigem fim da criminalização de militantes

DA REDAÇÃO

No último dia 19, uma comissão de dirigentes do PSTU foi recebida pelo secretário-adjunto da Secretaria Geral da Presidência, Swedenberger do Nascimento Barbosa, e pelo próprio ministro Gilberto Carvalho. Na pauta da audiência, a prisão dos 13 ativistas durante uma manifestação contra a vinda de Obama ao Brasil, em 18 de março.

Os 13 manifestantes, sendo nove do PSTU e uma senhora de 69 anos, foram detidos por 72 horas e agora responderão pelos crimes de lesão corporal, dano ao patrimônio e tentativa de incêndio, correndo o risco de serem enquadrados na famigerada Lei de Segurança Nacional, da época da ditadura militar.

Representaram o PSTU o dirigente nacional do partido José Maria de Almeida, o Zé Maria, o dirigente do Rio Cyro Garcia e o advogado José Eduardo Braunschweiger, o Zeca, que, além de fazer parte da direção regional, foi um dos presos políticos. O deputado federal pelo PSOL Chico Alencar também acompanhou a reunião. A comissão denunciou a situação dos detidos, assim como a disposição da Justiça e do governo do Rio em seguir na criminalização dos ativistas.

Gilberto Carvalho negou que houvesse uma orientação do governo federal para a prisão dos ativistas. O ministro se comprometeu a analisar medidas em relação ao caso e encaminhar novas audiências, desta vez com o ministro da Justiça e a Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, para analisar encaminhamentos a partir de Brasília.

Além da questão dos presos do Rio, Zé Maria também denunciou a situação do dirigente do MTL em Minas João Batista, condenado a cinco anos de prisão. O ministro e seu secretário se comprometeram a analisar a situação dele também. "A reunião foi positiva, mas o mais importante é continuar a pressão, divulgar o abaixo-assinado contra a criminalização dos movimentos sociais e manter a campanha até o arquivamento definitivo do processo", afirmou Cyro. ■

Líbia e Síria: um duro debate divide a esquerda

EDUARDO ALMEIDA, da redação

Como acontece com frequência, a revolução árabe em curso está dividindo águas na esquerda em todo o mundo. A experiência em curso vai se incorporar ao aprendizado que sempre proporciona uma revolução.

Por outro lado, os ativistas têm a possibilidade de testar a resposta que cada uma das organizações de esquerda dá a essas revoluções e tirar suas próprias conclusões. O duro debate atual aponta para novas divisões e reorganizações em todo o mundo.

Trata-se de um processo revolucionário de conjunto, que tem na sua origem o sofrimento de seus trabalhadores por uma exploração selvagem. A crise econômica em curso amplia o desemprego, e produz aumentos nos preços de gêneros de primeira necessidade, gerando explosões nos elos mais frágeis do capital. O outro fator decisivo é o levante dessas massas enfurecidas contra ditaduras brutais que dominam esses países há décadas.

Não há dúvidas que se trata de uma revolução no sentido mais pleno da palavra. Um momento particular da história em que as massas resolvem tomar em suas mãos os destinos de seus países. Pessoas que se dedicavam a tentar sobreviver , muitas vezes sem qualquer participação política, se transformam em grandes agitadores e organizadores, em lideranças populares. Algumas vezes, em milicianos de armas nas mãos, dispostas a arriscar suas vidas para mudar o mundo.

EXISTE OU NÃO UMA REVOLUÇÃO ÁRABE?

A revolução árabe espantou e colocou na defensiva em um primeiro momento os governos imperialistas. Seus aliados ditadores estavam em xeque, e não havia nenhum plano alternativo. Foi assim com o ditador Ben Ali na Tunísia, e mais ainda com Moubarak no Egito derrubados em janeiro e fevereiro últimos. Obama teve de se adequar, apostando nos militares que assumiram o governo no Egito depois da quedade Moubarak.

Foi a selvageria da repressão das tropas de Khadafi que causou a guerra civil na Líbia. Em Benghazi, dezenas de milhares de pessoas enfrentaram as tropas, mesmo não tendo armas. Morriam centenas e outros milhares voltavam para a luta. Até que as tropas se dividiram, oficiais desertaram, a população teve acesso ao arsenal local e se armou. Começava a guerra civil.

Quando a revolução árabe tocou os territórios líbio e sírio, foi a vez dos governos "de esquerda" da Venezuela, Cuba e Nicarágua ficarem na defensiva. A corrente castro-chavista- a mais legítima expressão do reformismo stalinista nos dias de hoje- passou a tentar separar a reação das massas nesses países do restante da revolução árabe.

A heróica ação das massas na revolução árabe é reconhecida como tal por esses stalinistas até as fronteiras líbias e sírias. Nesses países se transformava misteriosamente em uma conspiração imperialista ou monárquica para "retomar o petróleo". É extremamente educativo que os ativistas de todo o mundo estudem os textos desses stalinistas. Nenhum deles consegue escapar desses exercícios de acrobacia.

Aqui se revive uma característica típica do stalinismo: a utilização ampla e consciente de mentiras e calúnias. Em um passe de mágica, escondem a revolução e mostram uma conspiração da CIA.

> Foi a selvageria da repressão das tropas de Kadafi que causou a guerra civil na Líbia

Alguns deles chegam a negar a existência de genocídio por Khadafi, dizendo que é tudo "invenção da mídia". O próprio Khadafi, no entanto, para tentar novamente o apoio dos governos imperialistas, comparou suas tropas com a ação de Israel com os palestinos: "Mesmo os israelitas de Gaza tiveram de recorrer aos blindados para combater tais extremistas. Conosco é mesma coisa" (France 24, 7 março 2011)

A imagem de um Khadafi como um lutador antiimperialista é mais uma farsa consciente do stalinismo. Usam o passado nacionalista do ditador líbio para justificar o presente. Na década de 90, Khadafi entregou o petróleo de novo para as multinacionais. A Exxon Mobil (EUA) , British Petroleum, ENI (Itália), Total (França), Royal Dutch Shell controlam a produção e exportação de petróleo. Mesmo um defensor de Khadafi como James Petras, é obrigado a dizer que: "As maiores companhias de petróleo estão mais presentes na Líbia do que na maioria das regiões produtoras de petróleo de todo o mundo."

Infelizmente para os castro-chavistas, o heroísmo dos egípcios na Praça Tahrir é o mesmo nas ruas de Benghazi na Líbia ou de Deraa na Síria. Os motivos que movem os jovens desempregados e sem perspectivas nesses países são os mesmos.

O IMPERIALISMO RETOMA A OFENSIVA

A intervenção militar do imperialismo trouxe mais confusão pra a discussão.

A invasão imperialista é uma grande ameaça para a revolução árabe. Além de seu poderio militar, ainda vem disfarçada de "apoio" contra Khadafi, o que gera esperanças , em particular nas cidades ameaçadas pelas forças do ditador.

Os governos dos EUA, França, Inglaterra que estão a frente da invasão querem estabelecer um controle direto sobre a região. Khadafi já não oferece nenhuma garantia. Mesmo que ganhasse a guerra, não conseguiria reestabilizar o país, por ter uma base social muito diminuída. A imensa maioria do povo líbio apóia a rebelião militar e isso levaria provavelmente a uma guerrilha de massas.

Os stalinistas passaram a justificar o apoio a Khadafi como a única forma de combater a agressão imperialista.

Na verdade, aconteceu o oposto: o ditador líbio possibilitou que o imperialismo deixasse a situação defensiva em que estava na revolução árabe para assumir uma contra-ofensiva política e militar. De aliados das ditaduras em xeque passaram a ser os "defensores dos direitos humanos" ameaçados por Khadafi.

As contradições no campo da revolução na Líbia entre o movimento revolucionário e suas direções são semelhantes às do restante do mundo árabe. No Egito, muitos dos dirigentes mais reconhecidos como El Baradei, são figuras claramente pró imperialistas. A Junta Militar atual é composta por oficiais formados e pagos pelo governo dos EUA. Nem por isso, se viu Castro e Chavez repudiar as mobilizações de centenas de milhares de pessoas que derrubaram Moubarak.

Não se pode confundir uma revolução com seus dirigentes. Certo? Sim, mas para o castro-chavismo isso só é certo para o Egito, mas não para a Líbia. Ali as posições pró imperialistas agrupadas no Conselho Nacional Líbio são suficientes para eles desqualificarem a própria revolução.

Para nós, é fundamental estar no campo da revolução contra Khadafi, lutando contra sua direção pró-imperialista.

Frente a essa invasão, seria necessária uma ampla unidade de ação contra o imperialismo. O que impede essa unidade é o próprio Khadafi que gerou o levante contra ele, e segue a guerra civil contra o povo líbio. Por isso, seguem existindo duas guerras.

A favor dos bombardeios?

Um setor da esquerda apoia a intervenção imperialista contra a líbia

A invasão imperialista é uma grande ameaça à revolução árabe. Seu poderio militar, ainda vem disfarçada de "apoio" contra Kadafi

Como se não bastasse todas as lições da história, o passado recente das intervenções militares imperialistas "humanitárias" deveria servir para lembrar que estamos perante o braço armado da contra-revolução.

A invasão do Afeganistão também foi justificada como uma necessidade "humanitária", pelos desastres do Taleban. A do Iraque para acabar com armas de destruição massiva de Saddam Hussein. Tanto uma como a outra foram para controlar política e militarmente a região, e se utilizam dos mesmos métodos bárbaros que antes denunciavam. A invasão do Kosovo, também "humanitária", terminou com a imposição da maior base militar dos EUA na Europa, Camp Bondsteel.

Infelizmente, não é isso o que uma parte da "esquerda" pensa.

Ignacio Ramonet, editor do jornal Le Monde Diplomatique e um dos animadores do Forum Social Mundial, declarou : "Nesse momento, a ONU constitui a única fonte de legalidade internacional. POr isso, e contraditoriamente as guerras do Kosovo e Iraque, a intervenção atual na líbia é legal, segundo o direito internacional; legítima, segundo os princípios de solidariedade humanitária; e desejável , para a fraternidade que une povos na luta pela liberdade" (LMD, abril 2011, pg32)

Gilberto Achcar, um intelectual de prestigio, ligado ao SU, em um recente artigo saiu em defesa da ação do imperialismo: "Nessas condições e na falta de qualquer outra solução plausível, era moral e politicamente um erro, por parte da esquerda, se opor à zona de exclusão aérea". (Um debate legítimo e necessário desde uma perspectiva antiimperialista)

Deveria ser óbvio, mas nesses tempos de retrocesso ideológico não é. Se guerra é a extensão da política por outros meios, ou o imperialismo se transformou em um sistema humanitário, ou o apoio a essa invasão é uma aberração. A ação militar do imperialismo é uma extensão de sua política de controle econômico e político da região. Esse setor da "esquerda" está legitimando a tentativa do imperialismo de sair da defensiva na revolução árabe e reconstruir seu domínio. Estão simplesmente apoiando a outra face da contra-revolução.

Qualquer idéia de "unidade de ação" com as forças da OTAN contra Khadafi vai se virar violentamente contra a continuidade da revolução. Uma possível vitória do imperialismo vai levar a criação de uma zona sob controle da ONU na região, com uma base militar do imperialismo, a semelhança de Kosovo. Ou a divisão da Líbia, com a imposição militar de um enclave militar imperialista no meio.

Se a corrente castro-chavista apóia Khadafi e Assad, toda essa parte da "esquerda" defende a intervenção imperialista. Interessante como se dividem esses dois setores que estiveram unidos nos Fóruns Sociais Mundiais ao redor de dois blocos burgueses (Khadafi e Assad de um lado e o imperialismo de outro).

Nenhum deles se orienta por um critério básico, de classe. É preciso estar junto do processo da revolução, junto com as massas árabes (o que inclui o povo líbio e sírio, rebelados contra as ditaduras nesses países) , lutando contra suas direções burguesas e pró-imperialistas. É preciso lutar contra a intervenção militar do imperialismo, que também quer derrotar a revolução. Por isso falamos de uma revolução e duas guerras na Líbia : uma guerra civil contra Khadafi e outra contra a invasão do imperialismo.

O povo sírio se levanta e causa outra crise

A Síria é um pequeno país, que tem sua economia baseada na agricultura e na proulção de petróleo. Mesmo não sendo uma grande exportador, esse é um dos fatores centrais da ecomomia, gerando 50% das receitas de exportação do país. É governada há 41 anos por uma ditadura da família Assad. Ali se repete a história de um movimento nacionalista burguês que cumpriu um papel relativanente progressivo no início e depois girou a direita ese entregou ao imperilaismo.

O partido Baath, nacionalista burguês tomou o poder em 63. Hafez Assad -pai do atual presidente- em 1970 passou a dirigir o país com mão de ferro. No início estatizou boa parte das empresas lucrativas, incluindo as petrolíferas.

Sempre foi uma ditadura sanguinária. Em 82, reprimiu duramente a mobilização de Amah, com 25 a 30 mil nortos. Um massacre.

Na década de 90 acompanhou o giro a direita de Khadafi e Sadat. Entregou novamente o petróleo para as multinacionais. Hoje multinacionais petroleiras como a Shell, Total (França), CNPC, Gulfsands Petroleum (EUA), Tatneft e ONGC Videsh controlam a principal produção do país. A norte americana ConocoPhilips explora o gás.

No ano 2000, Hafez Assad morreu. Para demonstrar o caráter ditatorial de seu governo, o escolhido para a sucessão foi nada menos que seu filho, Bashar Assad. Nenhuma surpresa se lembramos que Moubarak e Khadafi preparavam seus filhos para sucedêlos. Trata-se de ditaduras que impoem um estilo quase monáquico de funcionamento.

Não é por acaso que existe uma sincronia das lutas na Síria e restante do mundo árabe. A imposição no neoliberalismo no país pela ditadura dos Assad ampliou a miséria das massas, agora agravada pela crise economica e aumento dos preços dos alimentos. O ódio acumulado nas massas em quarenta anos de ditadura é o mesmo que existia contra Moubarak.

As mobilizações começaram em fevereiro, em apoio as lutas do Egito. Em março, na cidade de Deraa, uma mobilização pacífica foi duramente reprimida pela ditadura, causando duas mortes. A reação das massas foi forte: novas mobilizações tomaram a cidade e incendiaram o palácio da justiça.

A ditadura reagiu com mais violência, massacrando mobilizações pacíficas. Já existem mais de 300 mortos no país.

Nesse momento, a sublevação na Síria está se ampliando. Nesse dias tomou o centro da terceira cidade do país, enfrentando a repressão. Pode ser que termine entrando também no terreno militar, repetindo a experiencia da Libia e de uma nova guerra civil.

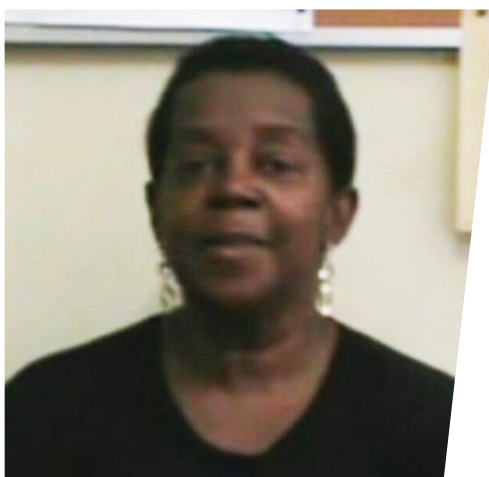
Aqui as máscaras caem mais uma vez. Qual é a posição de Chavez sobre a Síria? Aqui não está a intervenção militar da OTAN. Existe a luta de um povo rebelado contra uma ditadura que entregou o país ao imperialismo. Exatamente como no início do processo líbio.

Chavez declarou : "Já começou o ataque contra a Síria, já começaram os movimentos de supostos protestos pacíficos (...) e já estão acusando o presidente de estar matando seu povo".

Não satisfeito, ainda classificou o genocida Assad de "líder árabe socialista, humanista, irmão, com uma grande sensibilidade humana".

Ou seja, para Chavez o genocida Assad é um "humanista". Vai ficar gravado na história que a corrente castro-chavista ajudou a legitimar o massacre de populações rebeladas contra ditaduras. No mundo árabe, essas posições se chocam com a enorme simpatia despertada pela revolução. Não é por acaso que não existem mobilizações de apoio a Khadafi ou Assad nos países árabes. No restante do mundo, apesar da confusão causada pela intervenção imperialista, as posições de Chavez e Castro também não conseguem se impor junto a vanguarda. Não é por acaso que vários intelectuais castro-chavistas , como Santiago Alba Rico, estão assumindo publicamente essa polêmica. Pode ser que seja um claro sinal de decadência dessas correntes. ■

"O povo tá morando nas casas condenadas e não tem para onde ir"

Três meses da tragédia que destruiu a região serrana do Rio já se passaram. No último dia 12, para marcar a data, foi realizada uma manifestação em Nova Friburgo, cidade onde as chuvas fizeram mais vítimas. A população de Friburgo e Teresópolis foi às ruas para cobrar de Dilma e de Sérgio Cabral as promessas não cumpridas. Para saber como está a situação das vítimas, o Opinião entrevistou Maria das Graças, a "Graça", viúva, mãe de três filhas, cozinheira industrial e moradora do bairro Jardim Califórnia, em Friburgo; e Luiz Salarini, professor das redes públicas estadual e municipal da cidade, que atua no movimento sindical e é militante do PSTU

MARIA DAS GRAÇAS

LUIZ SALARINI

POR DIRLEY SANTOS, do Rio de Janeiro (RJ)

O QUE VOCÊ PRESENCIOU NO DIA 12 DE JANEIRO?

Maria das Graças: Eu estava em casa, com a minha filha. Escutei, de madrugada, muito barulho. Rolavam muitas pedras, parecia que estava explodindo tudo. Eu chamei a minha filha e disse que queria ir para a rua, pois não estava aguentando ficar dentro de casa mas, quando olhei na janela, a água havia estourado o portão.

Pedras imensas rolavam em frente à nossa casa, arrancando paralelepípedos. Eu vi quando a primeira casa desabou, ouvi gritos de socorro, cachorros latindo e, de repente, a luz acabou. Não tinha como sair na rua para fazer nada...

O QUE TÊM FEITO OS GOVERNOS APÓS A TRAGÉDIA?

Maria das Graças: Só arrumaram o centro, voltou a ser um cartão postal. Mas os bairros populares estão como no dia seguinte, todos em ruínas. A tragédia ainda está presente na vida das pessoas. Qualquer chuva, qualquer trovão deixa as pessoas desesperadas. O povo está morando nas casas condenadas pela Defesa Civil porque não tem para onde ir.

Luiz Salarini: Uma nova tragédia se anuncia em Friburgo. Nossa cidade está sem governo. Forem três prefeitos em menos de três meses. Cada novo governante nomeia e demite aleatoriamente, faz acordos vergonhosos com as empreiteiras e não atende a população, agindo cada um com seu bando de saqueadores. O governo federal e o do estado se foram junto com a mídia. As empreiteiras escondem suas máquinas no matagal depois de fincarem suas placas com o logo das secretarias e do governo estadual diante de bairros destruídos e estradas intransitáveis.

E OS DESABRIGADOS, TÊM SE ORGANIZADO?

Luiz Salarini: Friburgo é um barril de pólvora! Estas são as palavras do presidente da Comamor, organização que congrega as associações de moradores de Nova Friburgo. Todos os dias há manifestações, ruas fechadas, cartazes e faixas debochando do trabalho dos governos e muita revolta, principalmente nos bairros mais pobres.

QUAL TEM SIDO A PARTICIPAÇÃO DOS MILITANTES DO PSTU NESTA SITUAÇÃO?

Maria das Graças: O apoio efetivo quem tem dado é o PSTU e a CSP-Conlutas. Buscando organizar as pessoas. Na hora em que o povo mais precisou, eles levaram alimentos, água e mantimentos. Eles montaram um comboio, com gente do Rio, Niterói e Baixada. Falaram para o povo não esperar muita coisa dos governantes, deram o exemplo do que aconteceu no Morro do Bumba.

Luiz Salarini: Lançamos a ideia da criação de um Fórum Sindical e Popular e fomos os maiores responsáveis para que este fórum ganhasse as ruas e se aproximasse dos atingidos. Assim, temos todo dia 12 de cada mês organizado atos. Não vamos deixar que eles façam o que fizeram no Morro do Bumba. A tragédia do descaso não vai acontecer aqui. Vai haver luta.

O ato do dia 12 de abril foi um momento vitorioso de nosso movimento. Centenas de pessoas de todos os bairros atingidos ocuparam a praça pública e em passeata seguiram até a prefeitura, onde foram recebidas pelo governo, que teve que fazer o que não fez até agora, que é ouvir a população. O ato permitiu dar a essas pessoas o direito de falar diretamente ao governo sobre sua situação, trouxemos a mídia de volta ao cenário que mudou muito pouco nestes três meses.

Dia de luta lembra um ano da tragédia no Morro do Bumba

DIRLEY SANTOS, do Rio de Janeiro (RJ)

O dia 6 de abril de 2011 entrou para a história da cidade de Niterói, antiga capital do Rio de Janeiro. Completou-se um ano da tragédia no Morro do Bumba, onde um deslizamento vitimou mais de 40 pessoas durante as chuvas, que deixaram mais de 200 mortos em todo o estado. O dia foi marcado por manifestações contra a privatização da Clin (Companhia de Limpeza Urbana de Niterói) e em apoio à paralisação de 24 horas dos profissionais de educação da rede municipal.

DA TRAGÉDIA AO DESCASO

Os desabrigados que chegavam das várias comunidades, sendo a maioria crianças, carregando faixas, rapidamente lotaram a praça da Prefeitura Velha. Eram visíveis, no rosto das pessoas, as marcas de sofrimento e revolta pela difícil situação que estão vivendo. Muitos ainda encontram dificuldades para receber o dinheiro do aluguel social disponibilizado pelos governos estadual e federal, mas que não é repassado regularmente pela prefeitura. Para piorar, centenas de famílias ainda não conseguiram receber nenhum tipo de auxílio material ou financeiro, dependendo da solidariedade de amigos e parentes.

Os cerca de 300 manifestantes, apoiados por representantes de diversas entidades, partidos de esquerda e movimentos (como CSP-Conlutas, Anel, Sepe-Niterói, Sintuff, Aduff, DCE-UFF, PSTU e PSOL), se dirigiram à Câmara Municipal, onde, à noite, se realizou uma audiência pública sobre a questão dos desabrigados. Depois, foram para a sede da Prefeitura Nova, onde foi celebrado um ato ecumênico em memória das vítimas. ■